

Boletim de
Conjuntura da Bahia

2º TRIMESTRE DE 2022

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

2º TRIMESTRE DE 2022



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Rui Costa dos Santos

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

Claúdio Peixoto

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA
BAHIA – SEI

José Acácio Ferreira

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (Distat)

Armando Affonso de Castro Neto

DIRETORIA DE PESQUISAS (Dipeq)

Jonatas Silva do Espírito Santo

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL (CAC)
(Coordenação Geral)

Arthur Souza Cruz Júnior

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (Copes)

Luiz Fernando Araújo Lobo

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS
(Coref)

João Paulo Caetano Santos

ELABORAÇÃO TÉCNICA

**Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário
Internacional, Nacional e Estadual)**

Pedro Marques de Santana (Agropecuária)

**Carla Janira Souza do Nascimento (Produção
Industrial)**

Elissandra Alves de Brito (Comércio Varejista)

Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)

**Arthur Souza Cruz, Thiago Lima Bartolomeu e
Marcus Vinícius Souza P. dos Santos (Comércio
Exterior)**

**João Gabriel Rosas Vieira, Poliana Peixinho e
Marília Jane Campos (Finanças Públicas)**

**João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e
Carol Vieira (Produto Interno Bruto)**

**Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de
Trabalho)**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Zélia Maria Abreu Góis

EDITORIA-GERAL

Luzia Luna Pamponet

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EDITORIAL

EDITORIA DE ARTE

Ludmila Nagamatsu

DESIGN GRÁFICO

Vinícius Luz Assunção

REVISÃO ORTOGRÁFICA

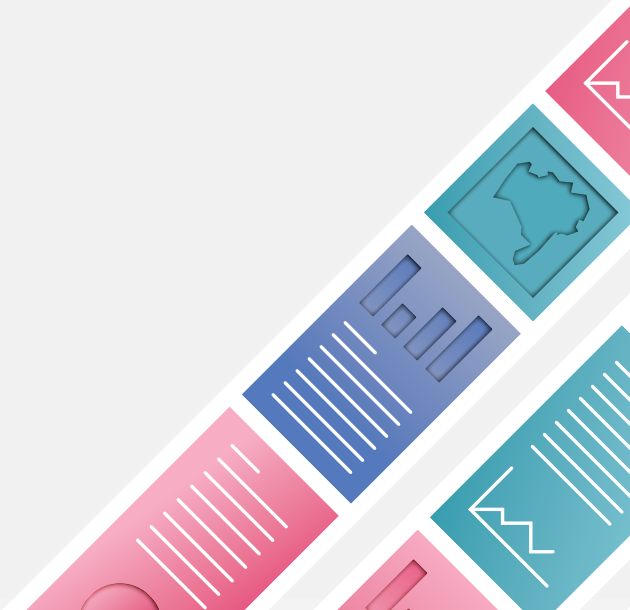
EDITORAÇÃO

EGBA

SUMÁRIO



Panorama Internacional, Nacional e Estadual.....	5
Internacional	5
Nacional	9
Estadual	14
Agropecuária.....	18
Cenário Bahia.....	18
Agricultura	18
Produção Industrial.....	23
Comércio Varejista	29
Serviços.....	35
Turismo.....	38
Comércio Exterior.....	43
Importações	50
Finanças Públicas.....	53
Produto Interno Bruto (PIB).....	55
PIB Em Valor Corrente	55
Mercado De Trabalho	62



PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL

Luiz Mário Ribeiro Vieira
lmario@sei.ba.gov.br

Cenário Internacional

A elevação dos juros nas economias desenvolvidas para conter a inflação, a guerra Rússia-Ucrânia, os efeitos da política de covid zero adotada pelas autoridades chinesas resultaram em previsões de menor crescimento global e aumentaram a incerteza para desempenho da economia em 2022. Assim demonstraram os resultados da atividade econômica para as principais economias do mundo no primeiro trimestre e a revisão para baixo do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) feitas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

A economia da China teve um forte crescimento no início de 2022, registrando uma taxa de crescimento que superou as expectativas no primeiro trimestre, o PIB chinês expandiu 4,8% no primeiro trimestre na comparação com o mesmo período do ano anterior.

A maior economia do mundo, Estados Unidos, apresentou retração no PIB de 1,5% no primeiro trimestre de 2022 em termos anualizados, aponta a segunda estimativa do Bureau of Economic Analysis (BEA), órgão ligado ao Departamento de Comércio americano.

Os Estados Unidos estão enfrentando uma inflação recorde, enquanto se recuperam da pandemia da covid-19. Ao mesmo tempo, registram o aumento dos preços dos combustíveis e de outros insumos, devido à invasão russa à Ucrânia e aos problemas de abastecimento em nível global, afetando o desempenho da atividade econômica. Esse resultado gerou temores de que a maior economia do mundo possa entrar em recessão.

O crescimento econômico da zona do euro foi mais forte do que o esperado no primeiro trimestre conforme mostraram os dados revisados, e o emprego também aumentou. A agência de estatísticas da União Europeia (Eurostat), informou que o PIB dos 19 países que compartilham o euro subiu 0,6% no período de janeiro a março sobre os três meses anteriores, marcando um crescimento de 5,1% em relação ao mesmo período do ano anterior.

A economia do Japão consolidou pela primeira vez dois trimestres de queda, quando as restrições contra a covid-19 atingiram o setor de serviços e o aumento dos preços das commodities criou novas pressões, levantando preocupações sobre uma retração prolongada.

A terceira maior economia mundial caiu a uma taxa anualizada de 1% em janeiro-março, de acordo com os números do PIB, contra contração de 1,8% esperada por economistas. Isso se traduziu em uma queda trimestral de 0,2%, segundo dados do Escritório do Gabinete do Japão.

Esses resultados para as maiores economias e para o maior bloco econômico do mundo indicaram uma assimetria no desempenho econômico, devido à incerteza em relação ao comportamento da inflação, a continuidade da pandemia e da guerra Rússia-Ucrânia, que se mantiveram no segundo trimestre, como comprovam as taxas de crescimento dessas economias.

O crescimento econômico da China teve forte desaceleração no segundo trimestre, com aumento de apenas 0,4% em relação a 2021, abaixo das expectativas, mostraram os dados oficiais. A atividade industrial e os gastos de consumidores do país foram afetados por *lockdowns* generalizados para conter os casos recordes da covid-19. Bloqueios totais ou parciais foram impostos nos principais centros do país em março e abril, incluindo a capital comercial Xangai.

Analistas consultados pela Reuters esperavam crescimento de 1,0% do PIB chinês no período, uma queda significativa em comparação aos 4,8% no primeiro trimestre. No primeiro semestre, o PIB cresceu 2,5%, muito abaixo da meta do governo de 5,5% para este ano.

Embora muitas das restrições tenham sido suspensas e os dados de junho tenham sinalizado melhora, os analistas não esperam uma rápida recuperação econômica. A China está mantendo sua dura política de covid zero em meio a novos surtos, o mercado imobiliário está em crise e as perspectivas globais não são as melhores, diante da continuidade da guerra Rússia-Ucrânia.

Dado o crescimento moderado, é provável que o governo da China programe medidas de estímulo econômico a partir do segundo semestre para acelerar seu crescimento e alcançar a meta estabelecida de 5,5% para o PIB, o que parece improvável.

O PIB dos Estados Unidos no segundo trimestre teve queda de 0,6%, segundo dados anualizados divulgados pelo BEA. Na primeira leitura, o PIB dos EUA havia recuado 0,9% no segundo trimestre de 2022. "A atualização reflete principalmente revisões para cima nos gastos do consumidor e investimento em estoque privado que foram parcialmente compensados por uma revisão para baixo no investimento fixo residencial", diz o BEA.

Foi o segundo trimestre seguido de baixa: no primeiro trimestre, a economia teve a primeira retração desde a recessão do início da pandemia, há dois anos. No 4º trimestre de 2021, a economia dos Estados Unidos cresceu a um ritmo robusto de 6,9%. "A queda do PIB refletiu quedas no investimento privado, investimento fixo residencial, gastos do governo federal e gastos dos governos estaduais e municipais, que foram parcialmente compensados por

aumentos nas exportações e gastos do consumidor. As importações, que são uma subtração no cálculo do PIB, aumentaram", resume o BEA.

O PIB dos Estados Unidos foi pressionado pela alta da inflação no país (que atingiu o maior nível em 40 anos), pela elevação das taxas de juros e pela contínua pressão sobre as cadeias de suprimento. Mas a conclusão geral com os dados é de que a economia americana ainda é estimulada pelos gastos do consumidor, dissipando os temores de que uma recessão esteja em andamento.

Embora as duas quedas trimestrais consecutivas do PIB atendam à definição padrão de uma recessão técnica, medidas mais amplas da atividade econômica sugerem um ritmo lento de expansão, em vez de uma contração. Mas o risco de uma recessão tem aumentado, à medida que o Federal Reserve eleva de forma agressiva a taxa de juros para esfriar a demanda e conter a inflação, azedando o sentimento das empresas e do consumidor.

O crescimento econômico da zona do euro foi ligeiramente menos robusto no segundo trimestre do que o estimado anteriormente, mas ainda assim forte, mostraram dados revisados da Eurostat.

A Eurostat disse que o PIB dos 19 países que utilizam o euro subiu 0,8% entre abril e junho em relação ao trimestre anterior, registrando avanço de 4,1% na comparação com o ano anterior. Esse resultado se deveu em parte aos desempenhos saudáveis na Espanha, França e Itália. Segundo a agência, o emprego na zona do euro aumentou 0,3% em relação ao trimestre anterior, com alta de 2,4% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Economistas acreditam que o resultado do segundo trimestre pode ter sido o último agudo antes de a inflação cada vez maior e problemas na cadeia de suprimentos causarem uma recessão leve no decorrer dos próximos 12 meses.

A guerra na Ucrânia afeta direta ou indiretamente todas as economias da Europa. A incerteza sobre o curso do conflito abalou a confiança dos consumidores e das empresas, ao mesmo tempo em que se teme que um corte total no fornecimento de gás russo mergulhe o bloco em uma recessão muito mais profunda.

A economia do Japão recuperou-se a um ritmo mais lento do que o esperado no segundo trimestre depois das perdas causadas pela covid-19, destacando a incerteza sobre se o consumo crescerá o suficiente para impulsionar a recuperação.

O Japão expandiu 2,2% entre abril e junho em taxa anualizada, mostraram dados do governo, marcando o terceiro trimestre consecutivo de aumento, mas aquém das expectativas de uma

alta de 2,5%. O PIB cresceu apenas 0,1% em dado revisado entre janeiro e março, quando o aumento dos casos de covid prejudicou os gastos.

A retomada no Japão, como em muitas outras economias, tem sido prejudicada pela guerra na Ucrânia e pelo aumento dos preços das commodities, mesmo que a alta do consumo tenha sustentado o crescimento entre abril e junho.

O consumo e os gastos de capital continuarão a impulsionar o crescimento em julho-setembro. "Mas o ímpeto pode não ser tão forte, pois a inflação crescente está esfriando os gastos das famílias", disse Atsushi Takeda, economista-chefe do Instituto de Pesquisa Econômica Itochu. "Embora a demanda doméstica possa continuar a se expandir, a queda das exportações pode frear a recuperação do Japão", afirma Takeda.

De fato, a perspectiva para o Japão tem sido afetada pelo ressurgimento das infecções de covid, desaceleração do crescimento global, restrições de abastecimento e aumento dos preços das matérias-primas, que eleva os custos de vida das famílias.

Como vimos, as duas maiores economias do mundo apresentaram resultados pífios no segundo trimestre. A China ficou praticamente estagnada com apenas 0,4% de crescimento. Os Estados Unidos voltaram a apresentar queda pela segunda vez consecutiva, agora de 0,6% em bases anualizadas. Japão cresceu abaixo das expectativas e a zona do euro surpreendeu, embora as perspectivas para o segundo semestre não sejam animadoras.

Diante desses desempenhos das principais economias no primeiro e segundo trimestres, o FMI, por meio do Panorama Econômico Mundial de julho, revisou para baixo as taxas de crescimento global, em função da frustração com o desempenho corrente, principalmente nos Estados Unidos e China, em razão de uma conjuntura adversa e incerteza política constante. Uma inflação mais alta do que o previsto, sobretudo nos Estados Unidos e nas principais economias europeias, está provocando um aperto das condições financeiras mundiais. A desaceleração da economia chinesa tem sido pior do que o previsto, em meio a surtos de covid-19 e lockdowns, e a guerra na Ucrânia gerou novas repercussões negativas. Como resultado, o produto mundial contraiu-se no segundo trimestre deste ano.

O FMI reduziu o crescimento de 6,1% no ano passado para 3,2% neste ano e 2,9% no próximo ano, um recuo de 0,4 e 0,7 ponto percentual em relação às previsões de abril. Isso reflete a estagnação do crescimento nas três maiores economias do mundo – Estados Unidos, China e a área do euro – com importantes consequências para as perspectivas mundiais.

Nos Estados Unidos, a queda do poder de compra das famílias e o aperto da política monetária reduzirão o crescimento para 2,3% neste ano e 1% no ano que vem. Na China, novos

lockdowns e o aprofundamento da crise imobiliária reduziram o crescimento para 3,3% neste ano – o mais baixo em mais de quatro décadas, excluído o período da pandemia. E na área do euro, o crescimento foi revisado em baixa para 2,6% neste ano e 1,2% em 2023, como reflexo das repercussões da guerra na Ucrânia e de uma política monetária mais austera.

Apesar da desaceleração da atividade, a inflação mundial foi revisada para cima, em parte devido à elevação dos preços dos alimentos e da energia. A inflação neste ano deve atingir 6,6% nas economias avançadas e 9,5% nas economias de mercados emergentes e em desenvolvimento – correções para cima de 0,9 e 0,8 ponto percentual, respectivamente – e deve se manter elevada por mais tempo. A inflação também se ampliou em muitas economias, refletindo o impacto das pressões de custo decorrentes de rupturas nas cadeias de suprimentos e da escassez histórica de mão de obra nos mercados de trabalho.

Nos níveis atuais, a inflação representa um claro risco para a estabilidade macroeconômica presente e futura, e trazê-la de volta às metas dos bancos centrais deve ser a prioridade absoluta das autoridades. O consequente aperto monetário sincronizado entre os países é sem precedentes e deverá ter forte impacto, com a desaceleração do crescimento mundial no próximo ano e um recuo da inflação. É inevitável que uma política monetária mais restritiva tenha custos econômicos e sociais reais.

O apoio fiscal direcionado pode ajudar a amortecer o impacto sobre os mais vulneráveis. Contudo, com a pressão sobre os orçamentos decorrente da pandemia e a necessidade geral de uma política macroeconômica desinflacionária, adotar medidas compensatórias como a elevação de tributos ou cortes nos gastos públicos pode garantir que o apoio direcionado da política fiscal não comprometa o funcionamento da política monetária.

O relatório aponta também que as consequências da tensão geopolítica podem ampliar a desigualdade de renda entre os países ricos e pobres, bem como o de gerar uma economia global mais dividida entre blocos econômicos. Além disso, a emergência climática sugere que a probabilidade de grandes desastres naturais permanece elevada. Portanto, as incertezas trazidas por essas variáveis subjetivas podem comprometer o desempenho da economia global tanto em 2022 como em 2023.

Cenário Nacional

O PIB do primeiro trimestre confirmou os sinais de aquecimento da atividade econômica desde o início do ano, crescendo 1,1% no primeiro trimestre em relação ao quarto trimestre de 2021 e 1,7% em relação ao primeiro do ano anterior, puxado pelo setor de serviços, que representa cerca de 70% do PIB do país, com expansão de 1,0% e 3,7 nas duas bases

de comparação. Em relação ao primeiro trimestre de 2021, o setor serviços foi o único a registrar crescimento. Do lado da demanda, o consumo das famílias foi o principal destaque, amparado pelo mercado de trabalho aquecido.

O desempenho da economia tem facilitado à propagação dos choques de inflação, embora boa parte seja devido aos choques de oferta, principalmente após a guerra Rússia-Ucrânia com a elevação expressiva dos preços dos combustíveis e commodities. A persistência da inflação e as surpresas com a atividade exigiram maior aperto monetário por parte do Banco Central que aumentou a taxa de juros (Selic) duas vezes ao longo do segundo trimestre.

Mesmo com a Selic e a inflação aumentando ao longo do segundo trimestre, encerrando o mês de junho em 13,25% e 11,89%, respectivamente, os resultados das pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontaram para uma leve aceleração nos principais setores da atividade econômica.

A produção industrial (indústria de transformação mais extrativa) ficou praticamente estável no segundo trimestre em relação ao primeiro trimestre com queda de apenas 0,15%. Isso reflete as dificuldades que o setor industrial vem enfrentando, como o aumento nos custos de produção e a restrição a insumos. Nesse sentido, o comportamento da atividade industrial tem sido marcado por paralisações das plantas industriais, reduções de jornada de trabalho e concessão de férias coletivas.

Os efeitos da inflação, a alta da taxa de juros e o desemprego ainda elevado, mesmo com a abertura total das atividades de contato presencial, contribuíram para que o comércio varejista apresentasse um crescimento de apenas 1,3% no segundo trimestre. Esse crescimento aponta que o desempenho não foi homogêneo entre as atividades, com destaque para a recuperação das atividades que registraram as maiores quedas durante a pandemia. "A atividade de hiper e supermercados teve uma influência importante da inflação ao longo do segundo trimestre do ano. Entre abril e maio, houve variação de 4% na receita e de 1% no volume de vendas, indicador em que a pesquisa já desconta a inflação. De maio para junho, essa atividade teve queda de 0,5% no volume, mas variou 0,3% em receita. Isso significa que há amplitude menor da inflação, mas o suficiente para que o volume tivesse uma variação negativa, apesar de a receita ficar no campo positivo", explica o gerente da pesquisa, Cristiano Santos do IBGE.

No segundo trimestre do ano, o setor de serviços cresceu 8,2% e quatro das cinco atividades apontaram taxas positivas, dentre elas o destaque foi o setor de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (12,4%). O setor de transportes encontra-se 16,9% acima do patamar pré-pandemia, ultrapassando esse nível em maio de 2021 e se mantendo a partir desse mês.

No caso dos serviços prestados às famílias, que acumulam expansão de 40,2% no trimestre, o que explica esse aumento são serviços de artes cênicas e espetáculos, bem como para a gestão de instalações esportivas. “Apesar de ainda ser o único setor abaixo do patamar pré-pandemia, vem mostrando trajetória de crescimento e se aproximando cada vez mais da recuperação” estima o gerente Cristiano Santos.

A safra brasileira de cereais, leguminosas e oleaginosas deve alcançar o recorde de 263,4 milhões de toneladas de acordo com a estimativa de julho do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA). Esse valor é 4,0% maior (ou 10,2 milhões de toneladas) que a safra obtida em 2021 (253,2 milhões de toneladas) e 0,8% acima (2,0 milhões de toneladas) da estimativa de junho.

Esse crescimento se deve ao aumento do plantio e dos investimentos dos produtores que estão ampliando a área de cultivo de grãos em 6,4% para 73 milhões de hectares, ou mais 4,4 milhões de hectares em relação a 2021. “Os produtores plantaram mais porque os preços internacionais estão muito elevados, sobretudo o do trigo, por conta da guerra da Rússia e a Ucrânia, grandes produtores e exportadores de trigo”, destaca o gerente da pesquisa LSPA, Carlos Barradas.

Como foi ressaltado acima, a indústria geral apresentou uma leve queda, o comércio varejista uma modesta expansão, a agricultura mais uma vez mostrando sua força e os serviços reagindo com mais vigor, favorecido pela flexibilização total das atividades e da baixa base de comparação, no segundo trimestre em relação a 2021.

Mesmo com os resultados positivos do comércio e dos serviços, a conjuntura ainda permaneceu desafiadora, por causa da inflação, das taxas de juros elevadas e do conflito Rússia-Ucrânia. Contudo, o mercado de trabalho formal no segundo trimestre de 2022, por sua vez, surpreendeu as expectativas iniciais.

Em junho, foi registrada a abertura de 277,9 mil vagas de emprego com carteira assinada, segundo dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e Previdência. O saldo foi resultado de 1,898 milhão de contratações e 1,621 milhão de desligamentos no mês, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). A abertura de vagas formais em junho mostra uma tendência de aquecimento do mercado de trabalho no ano. O resultado é o segundo melhor do ano.

O saldo de junho reflete o desempenho positivo em todos os cinco grandes setores da economia brasileira. O resultado foi puxado pelo setor de serviços, que abriu 124,5 mil vagas no mês. Em seguida estão comércio (47,1 mil), indústria (41,5 mil novos postos), agropecuária

(34,4 mil vagas abertas) e, por último, construção (30,2 mil). O salário médio de admissão no país continua abaixo de um ano antes. Em junho, o indicador ficou em R\$ 1.922,77 – abaixo do patamar de R\$ 2.026,10 registrado no mesmo mês de um ano atrás, com correção da inflação.

No segundo trimestre, foi registrado saldo de 751.928 empregos, decorrentes de 5.714.393 admissões e de 4.962.465 desligamentos. Neste ano, o Caged sofre a influência do fim gradual dos efeitos do programa emergencial de manutenção de emprego. Criada na pandemia, a medida foi considerada fundamental por especialistas para sustentar o mercado de trabalho durante o auge da crise da covid-19.

Agora, com o término do programa e o fim da proteção dos vínculos empregatícios, os dados dependem mais do desempenho da atividade econômica. Como o segundo semestre é geralmente marcado pelo aumento na criação de emprego formal, principalmente por causa dos setores de comércio e serviços, são esperados resultados positivos no mercado formal de trabalho nos próximos meses.

A geração de empregos formais se refletiu na taxa de desemprego calculada pelo IBGE. A taxa de desocupação ficou em 9,3% no trimestre encerrado em junho, queda de 1,8 ponto percentual (p.p.) na comparação com o trimestre anterior. É o menor patamar para o período desde 2015, quando foi de 8,4%. O número de desempregados recuou 15,6% no trimestre, chegando a 10,1 milhões de pessoas. Isso representa 1,9 milhão de pessoas a menos em busca por trabalho no país. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).

A população ocupada é a maior desde o início da série histórica da pesquisa, em 2012. Esse contingente foi estimado em 98,3 milhões, o que representa uma alta de 3,1% frente ao trimestre anterior. São 3,0 milhões de pessoas a mais no mercado de trabalho, sendo 1,1 milhão na informalidade. Na comparação com o mesmo período do ano passado, o aumento é de 8,9 milhões de trabalhadores. Com o crescimento, o nível da ocupação, percentual de ocupados na população em idade de trabalhar, foi estimado em 56,8%, avançando 1,6 p.p. frente ao trimestre anterior. “A retração da taxa de desocupação no segundo trimestre segue movimento já observado em outros anos. Em 2022, contudo, a queda mais acentuada dessa taxa foi provocada pelo avanço significativo da população ocupada em relação ao primeiro trimestre”, destaca a coordenadora de Pesquisas por Amostra de Domicílios do IBGE, Adriana Beringuy.

O rendimento médio real habitual foi estimado em R\$ 2.652, ficando estável na comparação com o primeiro trimestre. No ano, houve queda de 5,1%. Já a massa de rendimento chegou

a R\$ 255,7 bilhões, um aumento de 4,4% frente ao trimestre anterior e de 4,8% em relação ao mesmo período do ano passado.

A coordenadora Beringuy explica que os resultados refletem a expansão da ocupação no trimestre. “Embora não haja aumento no rendimento médio dos trabalhadores, houve crescimento da massa de rendimento porque o número de pessoas trabalhando é bastante elevado”, ressaltou.

Com base em todos esses dados, fica evidente que há um processo de recuperação da economia após dois anos de pandemia da covid-19. Os resultados do PIB do segundo trimestre ratificam esse bom momento da economia brasileira.

O período de abril a junho de 2022 mostrou reflexos da reabertura total das atividades presenciais após as restrições na pandemia. Com o aumento da circulação das pessoas, houve um impulso no setor de serviços, o carro chefe do PIB, que cresceu 1,3% de abril a junho em relação ao primeiro trimestre. A Indústria cresceu 2,2%, sendo a taxa mais elevada desde o terceiro trimestre de 2020 (14,7%), quando o setor começava a se recuperar da pandemia e apresentava uma base de comparação depreciada, apontou o IBGE. Agropecuária continuou impedindo uma expansão mais robusta do PIB, devido às quedas de produtividade e de produção, e a fatores climáticos, principalmente pela quebra de safra da soja.

O PIB brasileiro cresceu 1,2% no segundo trimestre de 2022, em relação ao primeiro e 3,2% em relação ao segundo trimestre de 2021, acima das expectativas dos analistas de mercado. Esse foi o quarto resultado positivo seguido, segundo dados divulgados pelo IBGE. O desempenho foi impactado principalmente pelo setor de serviços.

Pelo lado da demanda, o consumo das famílias e os investimentos foram os responsáveis pelo crescimento. Com o novo resultado, o PIB ficou 3,0% acima do nível pré-pandemia, mas ainda está 0,3% abaixo do recorde da série histórica, alcançado no primeiro trimestre de 2014. Nessa base de comparação, o Consumo das famílias aumentou 2,6% e do governo caiu 0,9%. Os investimentos cresceram 4,8%, as exportações se retraíram 2,5% e as importações se expandiram 7,6%.

Em relação ao segundo trimestre de 2022, o PIB cresceu 3,2%, quinto trimestre seguido de crescimento nessa base de comparação. Pelo lado da produção, apenas a Agropecuária registrou resultado negativo de 2,5%. Indústria, pelo bom desempenho de produção, cresceu 1,9%. Distribuição de eletricidade, gás e água (10,8%) e Construção (9,9%). O setor de Serviços teve alta de 4,5%, praticamente todos as principais subsetores registraram crescimento, principalmente os de contato físico.

Todos os componentes da demanda agregada cresceram no segundo trimestre, exceto as exportações. O consumo, tanto das famílias quanto do governo, avançou pelo segundo trimestre seguido – respectivamente de 2,2% para 5,3%, e de 3,3% para 0,7%. Já os investimentos voltaram a crescer modestamente 1,5%, após queda de 7,2% no primeiro trimestre. No setor externo, houve inversão de desempenho entre exportações e importações. As exportações de bens e serviços tiveram queda 2,5%, enquanto as importações cresceram 7,6% em relação ao primeiro trimestre de 2022.

No segundo trimestre, a taxa de investimento foi de 18,7% do PIB, ficando praticamente no mesmo nível da registrada no mesmo período do ano passado (18,6%). Esse crescimento está ligado às atividades de construção e de informação e comunicação. Nessa última atividade, o desempenho positivo está especialmente relacionado ao desenvolvimento de software. Essa é uma das atividades que foram menos impactadas pelos efeitos da pandemia.

No primeiro semestre deste ano, o PIB cresceu 2,5% frente ao mesmo período do ano anterior. Tanto a Indústria (0,2%) quanto os Serviços (4,1%) tiveram resultados positivos. Mas houve declínio de 5,4% na Agropecuária.

O bom resultado do segundo trimestre e indicadores antecedentes positivos nos últimos meses têm levado a uma revisão para cima das projeções para o crescimento da economia em 2022. Analistas de mercado apontam um crescimento de 2,1%, enquanto o governo prevê uma alta de 2,0%.

O FMI elevou de forma expressiva a estimativa para o crescimento da atividade brasileira, neste ano, apesar das dificuldades enfrentadas pela economia global. Na revisão das estimativas em seu relatório de julho – Panorama Econômico Mundial –, o FMI passou a estimar o crescimento do PIB do Brasil em 1,7%, bem acima da taxa de 0,8% calculada em abril. Para 2023, o relatório do FMI indica que a expansão da atividade será de 1,1%, 0,3 ponto percentual a menos do que o previsto em abril.

Cenário Estadual

A atividade econômica da Bahia apresentou por dois trimestres consecutivos resultados bem expressivos, mesmo diante de uma conjuntura pouco favorável pelas restrições impostas pela variante covid-19, a inflação em dois dígitos e a política monetária bem contracionista. No primeiro trimestre, o PIB da Bahia calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), cresceu 2,8%, na comparação com mesmo período de 2021.

Com base nos dados das pesquisas mensais do IBGE, sistematizadas e analisadas pela SEI, os resultados foram positivos no segundo trimestre, na maioria das atividades, principalmente

na indústria geral, que voltou a apresentar resultados bem elevados em razão da baixa base de comparação. Serviços, exportações e Agropecuária também relataram crescimento.

A indústria geral (transformação e extrativa) baiana apresentou expansão no segundo trimestre em relação ao ano anterior, com alta de 19,7%, quatro trimestres consecutivos de expansão. A atividade de Produtos derivados de petróleo (117,8%) contribuiu decisivamente para esse resultado positivo.

O varejo baiano registrou taxas negativas entre abril e junho, resultando no recuo trimestral de 5,9%, em relação a igual trimestre do ano anterior. A explicação para a retração das vendas no varejo da Bahia está nos fatores já conhecidos como inflação elevada de bens essenciais, queda da renda real, endividamento das famílias, elevadas taxas de juros e desemprego ainda em níveis muito acima da média nacional. As atividades de maior peso no comércio varejista apresentaram retração no segundo trimestre: hiper e supermercados (0,7%) combustíveis e lubrificantes (10,4%).

O setor de serviços, o mais afetado pelas medidas adotadas para controlar a disseminação da covid-19, continuou seu processo de recuperação. No segundo trimestre em comparação a 2021, o setor de serviços cresceu 7,2%, essa é a quinta taxa positiva consecutiva, para esse tipo de comparação.

Nessa vertente de análise, três das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para a atividade de Serviços prestados às famílias (73,2%), que apontou a mais expressiva variação positiva, seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (7,2%).

O crescimento da atividade Serviços prestados às famílias, ainda é reflexo da baixa base de comparação que associadas a medidas de reabertura e flexibilização, a partir de março, foram extremamente positivas. Essa atividade apresentou até junho, a décima quinta variação positiva consecutiva.

Em relação ao comércio exterior da Bahia no segundo trimestre, as exportações registraram US\$ 4,2 bilhões, valor superior em 59,2% ante igual período do ano anterior. As vendas externas baianas no segundo trimestre permanecem, como no trimestre anterior, sendo lideradas pelo setor de petróleo e derivados com vendas que chegaram a US\$ 1,36 bilhão, com crescimento de 237,3% na comparação com igual período do ano anterior e participação de 32,2% na pauta das exportações no período.

Já as importações somaram cerca de US\$ 3,0 bilhões, 40,1% acima do registrado no mesmo período do ano anterior, com destaque para compras de combustíveis que cresceram 51,0% no mesmo período. Esse crescimento menor das importações no período fez com que a balança comercial do estado acumulasse um superávit comercial de US\$ 1,2 bilhões no segundo trimestre, na comparação interanual.

No segundo trimestre de 2022, as estimativas de produção agrícola do IBGE apontavam para uma produção recorde de grãos pelo terceiro ano consecutivo no estado. O resultado reflete condições de mercado favoráveis, apesar do aumento dos custos de produção e de alguma interferência climática negativa nas lavouras. A demanda aquecida e os preços atrativos estimularam os produtores a ampliarem a área de plantio, o que se verificou em todos os principais cultivos (soja, milho, algodão e feijão).

O IBGE prevê a produção de cereais, oleaginosas e leguminosas na Bahia, em 11,36 milhões de toneladas, o que representa um crescimento de 6,2% na comparação com a safra 2021 – o maior resultado da série histórica do levantamento para o conjunto de produtos pesquisados.

O bom desempenho da atividade econômica no estado, refletiu no mercado de trabalho formal. Com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), a Bahia criou 45.402 novos postos de emprego formal – aumento de 4,26% em relação ao total de vínculos celetistas do início do ano. Com o resultado de 45.402 novos postos, a Bahia completou oito trimestres seguidos com expansão do nível de emprego formal.

No segundo trimestre no ranking nacional, a Bahia ficou na quarta posição, quatro colocações acima da verificada no intervalo anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia mostrou o melhor desempenho absoluto, enquanto Ceará (21.535 vagas) exibiu o segundo melhor resultado.

Evidentemente, a geração de empregos formais contribuiu para que a estimativa mais recente do desemprego na Bahia caísse para 15,5%, o menor valor desde o quarto trimestre de 2017 (15,1%) e o mais baixo patamar para um segundo trimestre desde o ano de 2015 (12,8%). No entanto, importante mencionar, a taxa ainda se mostrou bem acima do seu menor valor histórico, ocorrido no quarto trimestre de 2013, quando atingiu 9,1% da força de trabalho local.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao segundo trimestre mostraram que os resultados positivos para a indústria geral, serviços, exportações e agropecuária impactaram diretamente o PIB da Bahia, calculado pela SEI, que cresceu 4,8% no segundo trimestre em relação ao mesmo trimestre de 2021. Na comparação com ajuste sazonal (2º trimestre de 2022 em comparação com o 1º trimestre de 2021), o resultado também foi positivo em 1,4%.

Setorialmente, na comparação com o segundo trimestre do ano passado, a Indústria voltou a ser o destaque com expansão de 13,0%, segunda alta consecutiva; os Serviços com alta de 1,6%, embora a agropecuária continuasse se expandindo a contribuição para o PIB foi mais modesta diante de uma taxa de apenas 4,2%, em razão de altas bem expressivas registradas em trimestres anteriores.

Essa expansão do PIB da Bahia mudou às expectativas que ficaram mais otimistas, pelo bom desempenho também apresentado pelo Brasil. Em relação ao desempenho no terceiro trimestre as previsões são de um novo crescimento, mesmo com uma política monetária contracionista, crédito mais seletivo e incerteza pela proximidade das eleições gerais. Por outro lado, a inflação em queda, a geração de empregos e a recuperação da indústria pela base deprimida dos últimos anos, asseguram mais um alta do PIB, porém mais modesta que a do segundo trimestre.

AGROPECUÁRIA

Pedro Marques de Santana
pedromarques@sei.ba.gov.br

Cenário Bahia

AGRICULTURA

No segundo trimestre de 2022, as estimativas de produção agrícola das instituições oficiais – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) – apontavam para uma produção recorde de grãos pelo terceiro ano consecutivo no estado.

O resultado reflete condições de mercado favoráveis, apesar do aumento dos custos de produção e de alguma interferência climática negativa nas lavouras. A demanda aquecida e os preços atrativos estimularam os produtores a ampliarem a área de plantio, o que se verificou em todos os principais cultivos (soja, milho, algodão e feijão)

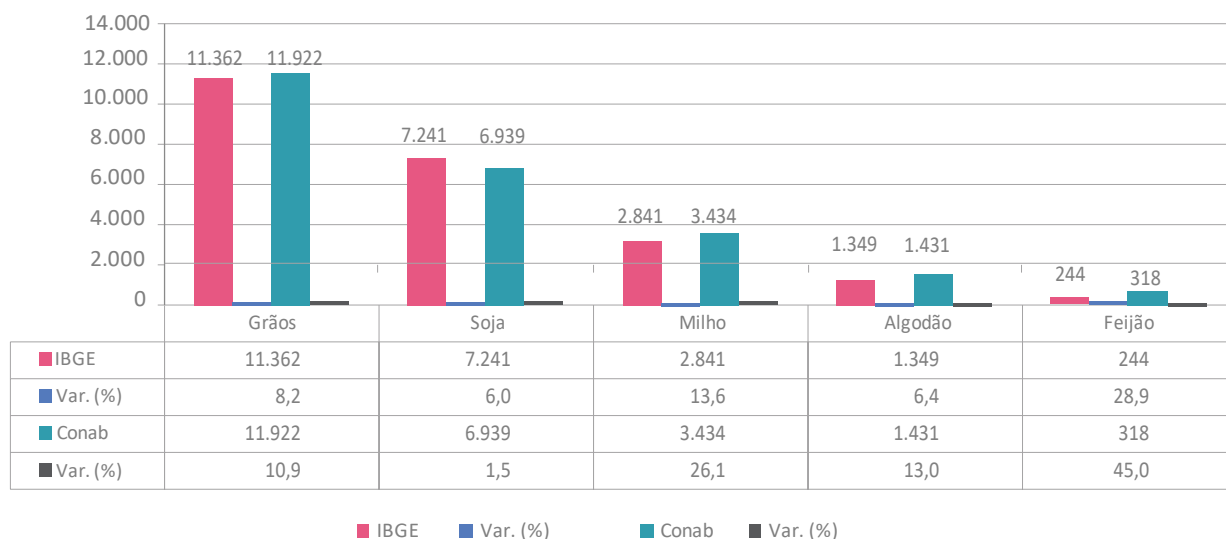
Para a Conab¹, serão produzidos 11,9 milhões de toneladas de grãos na Bahia, no período, o que representa uma alta de 10,9% em relação ao ciclo 2020/2021. O IBGE², por sua vez, prevê a produção de cereais, oleaginosas e leguminosas³, na Bahia, em 11,36 milhões de toneladas (t), o que representa um crescimento de 6,2% na comparação com a safra 2021 – que foi o maior resultado da série histórica do levantamento para o conjunto de produtos pesquisados.

-
- 1 Os dados referem-se ao nono levantamento divulgado pela Conab, cujo ano agrícola vai de outubro do ano anterior a setembro do ano corrente.
 - 2 Refere-se ao sexto levantamento divulgado pelo IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.
 - 3 Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

Gráfico 1

Estimativas comparadas da safra de grãos

Bahia – 2022/2021



Fonte: Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos (2022) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2022).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas.

Algodão

Segundo a Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), até o mês de junho haviam sido colhidos 20% da produção de algodão. Ainda conforme a entidade, o principal problema teria sido a ausência de chuvas no final do ciclo, em especial, nos municípios de Jaborandi, Correntina e parte de São Desidério. Com isso, houve reversão nas expectativas do volume produzido na região oeste do estado em função da má distribuição de chuvas e que ficou reduzido em 12,0%.

IBGE

A produção de algodão (caroço e pluma) – projetada em 1,38 milhão de toneladas – pode ser 8,8% superior à de 2021. Este ano, a área plantada com a fibra (290 mil hectares) supera em 8,3% à do ano passado, demonstrando, assim, uma maior disposição de investimento dos produtores diante da melhoria nas condições de mercado.

Conab

A produção de algodão pode alcançar 1,43 milhão de toneladas, o que representa uma expansão de 13,0% sobre o ciclo anterior. A área plantada (308 mil hectares) é 15,2% superior à de 2020/2021.

Soja

Segundo a Associação de agricultores e irrigantes da Bahia (Aiba), apesar do excesso de chuvas no Oeste Baiano, a colheita da soja já havia alcançado 70% da área, com previsão de produtividade média de 66 sacas por hectare. Em 2021, a média havia sido de 67 sacas por hectare, o que rendeu destaque nacional para a Bahia em termos de produtividade da oleaginosa.

IBGE

Estima produção de 7,1 milhões de toneladas, que supera em 4,0% o volume produzido em 2021. Dessa forma, a safra do grão poderá atingir volume recorde pelo terceiro ano consecutivo. A área plantada com a oleaginosa está projetada em 1,79 milhão de hectares, 5,3% superior ao observado em 2021.

Conab

A Conab também sinalizou uma produção (6,9 milhões de toneladas) superior ao recorde observado na safra passada (6,8 milhões de toneladas), apontando um crescimento de 1,5%. A estimativa de área plantada também apresentou expansão (5,8%), totalizando 1,8 milhão de hectares.

Milho

Ainda de acordo com a Aiba, a safra de milho na região oeste do estado encontrou alguns problemas com pragas, podendo prejudicar a produtividade do cereal. O plantio de inverno, no entanto, já alcançou 85% da área estimada e a colheita do cereal plantado no verão está em 23%, com produtividade estimada em 170 sacas por hectare.

IBGE

Para o IBGE, as duas safras anuais do milho podem somar 2,75 milhões de toneladas em 2022, o que representa uma expansão de 10,0% na comparação anual. Com relação à área plantada, estimada em 700 mil hectares, houve expansão de 4,5% na comparação anual.

A estimativa da primeira safra ficou em 2,1 milhões de toneladas, 10,5% superior à de 2021. Já o prognóstico para a segunda safra ficou em 650 mil toneladas, crescimento de 8,3% em relação ao ano anterior.

Conab

A safra 2021/2022 do milho deverá totalizar 3,4 milhões de toneladas, o que representa uma variação positiva de 26,1% com relação ao ciclo anterior. Foram estimados 844 mil hectares de área plantada com o cereal e produtividade média de 4,0 t/ha, na atual temporada, de acordo com a Conab.

Feijão

IBGE

No ciclo atual, a perspectiva é de que a produção total de feijão alcance 244 mil toneladas, o que representa avanço de 28,9% na comparação com a safra de 2021. O levantamento manteve a estimativa de área de 417 mil hectares plantados, a mesma observada no ano anterior. Estima-se que a 1ª safra da leguminosa (145,6 mil toneladas) seja 41,3% superior à de 2021, bem como a 2ª safra (98,3 mil toneladas) tenha uma variação positiva de 14,1% na mesma base de comparação.

Conab

Com relação ao feijão, estima-se uma colheita de 318 mil toneladas no ciclo atual, numa área plantada de 416 mil hectares. O volume de produção estimado representa um avanço de 45,0% na comparação com o ciclo 2020/2021.

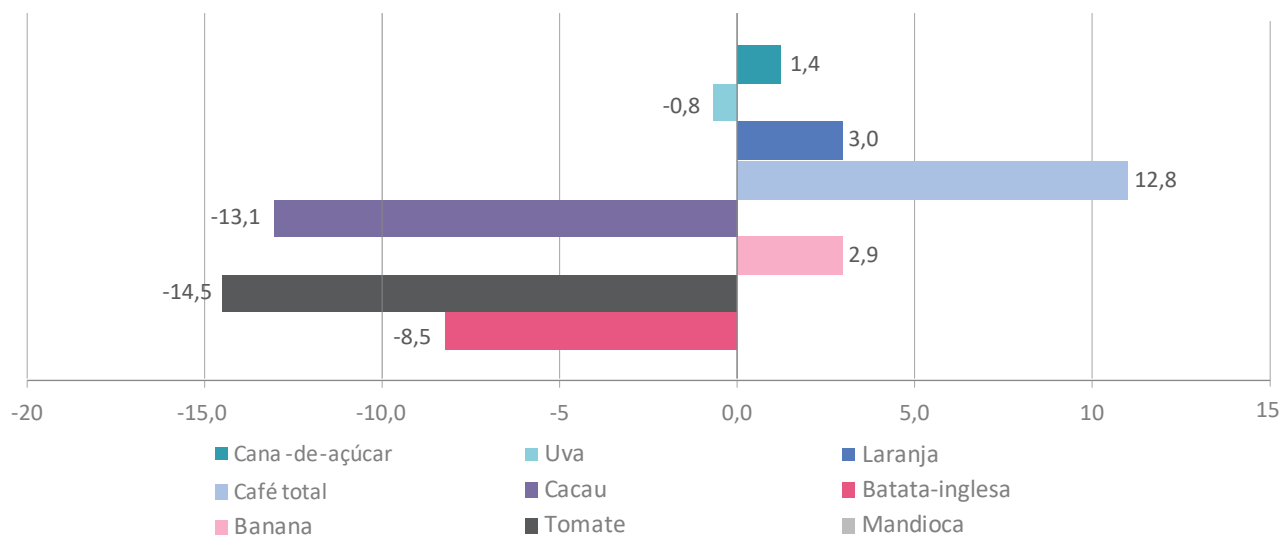
Outras lavouras permanentes e temporárias

Com relação a outras culturas permanentes e temporárias relevantes no estado, destaque para a recuperação da lavoura do café. De acordo com o IBGE, é esperada uma colheita de 224 mil toneladas este ano, 8,2% acima da observada no ano passado. A safra do tipo arábica está projetada em 89 mil toneladas, com variação anual positiva de 20,3%. Por sua vez, a safra do tipo canéfora ou conilon tem previsão de 135 mil toneladas, alta de 1,5% na mesma base de comparação.

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estima produção de 5,6 milhões de toneladas, alta de 1,4% em relação à safra 2021. A estimativa da produção do cacau está projetada em 126,5 mil toneladas, o que representa uma queda de 12,8% na comparação com o ano anterior.

Gráfico 2

Varição percentual anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias Bahia – 2022/2021



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2022).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

As estimativas para as lavouras de banana (911,3 mil toneladas), laranja (653,5 mil toneladas) e uva (60,8 mil toneladas), por sua vez, registraram, respectivamente, variações de 3,7%, 3,0% e -0,8%, em relação à safra anterior.

O levantamento ainda indicou uma produção de 856,3 mil toneladas de mandioca, 0,6% inferior à de 2021. A produção de batata-inglesa, estimada em 354 mil toneladas, apresenta recuo de 8,5%, e a do tomate, estimada em 178 mil toneladas, aponta queda de 14,5% na comparação com o ano passado.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

O setor industrial brasileiro mostrou melhora nos indicadores no segundo trimestre, comparado ao primeiro trimestre do ano, porém o desempenho da indústria foi muito desigual, com crescimento puxado por poucas atividades. Esse comportamento da indústria reflete os indicadores macroeconômicos negativos, como altas taxas de inflação e juros elevados, de um lado, e as medidas positivas de estímulo à demanda, de outro. A liberação dos recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e a antecipação da 1ª parcela do 13º salário dos aposentados e pensionistas geraram relativo estímulo à atividade econômica e, conseqüentemente, à demanda por produtos industrializados.

O aumento do nível de confiança dos empresários do setor industrial confirma o aumento na demanda – o Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getúlio Vargas (FGV-IBRE) subiu 6,2 pontos entre março e junho, para 101,2 pontos. Além disso, houve aumento na utilização da capacidade instalada – que passou de 80,2% em março para 81,4% em junho – e os estoques seguem em níveis satisfatórios.

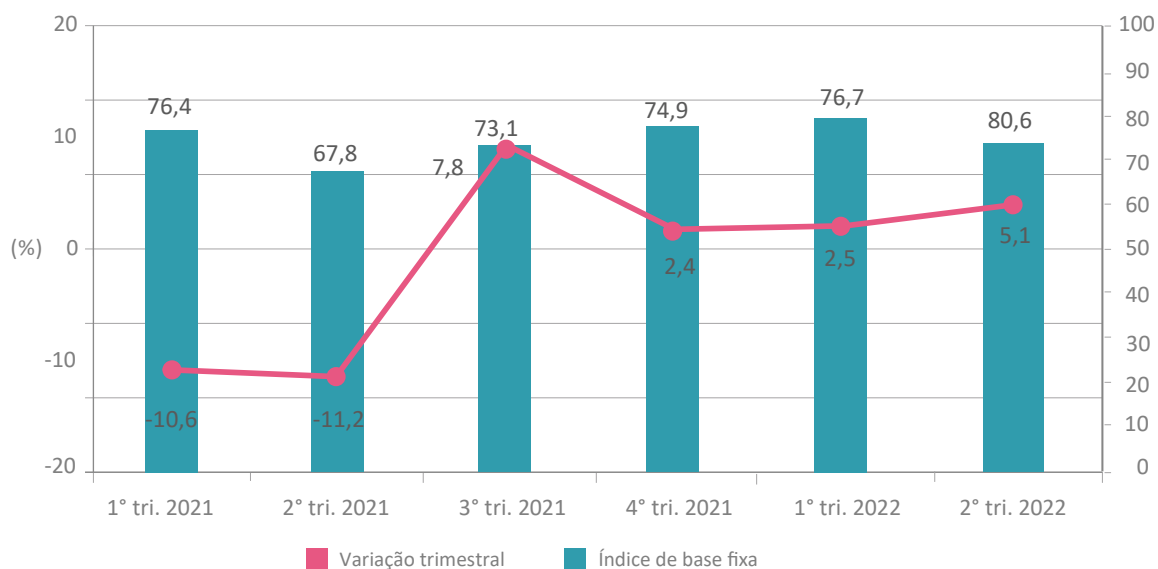
A indústria baiana, da mesma forma que a nacional apresenta aumento concentrado em poucos segmentos de atividade, marcada pela sua principal característica que é a de ser produtora de bens intermediários, e tem sido beneficiada pelo elevado nível dos preços internacionais

O indicador da produção física da indústria (extrativa e de transformação) baiana manteve o crescimento pelo quarto trimestre consecutivo, com taxa de 5,1%, acumulando em quatro trimestres um aumento de 18,8%, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM)⁴, ilustrados no Gráfico 1.

4 PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, mar. 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2022_jun.pdf. Acesso em: 10 ago.2022.

Gráfico 1

Produção física industrial (%)
Bahia – 1º tri. 2021-2º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2022).

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: (1) Número Índice ajustado sazonalmente.

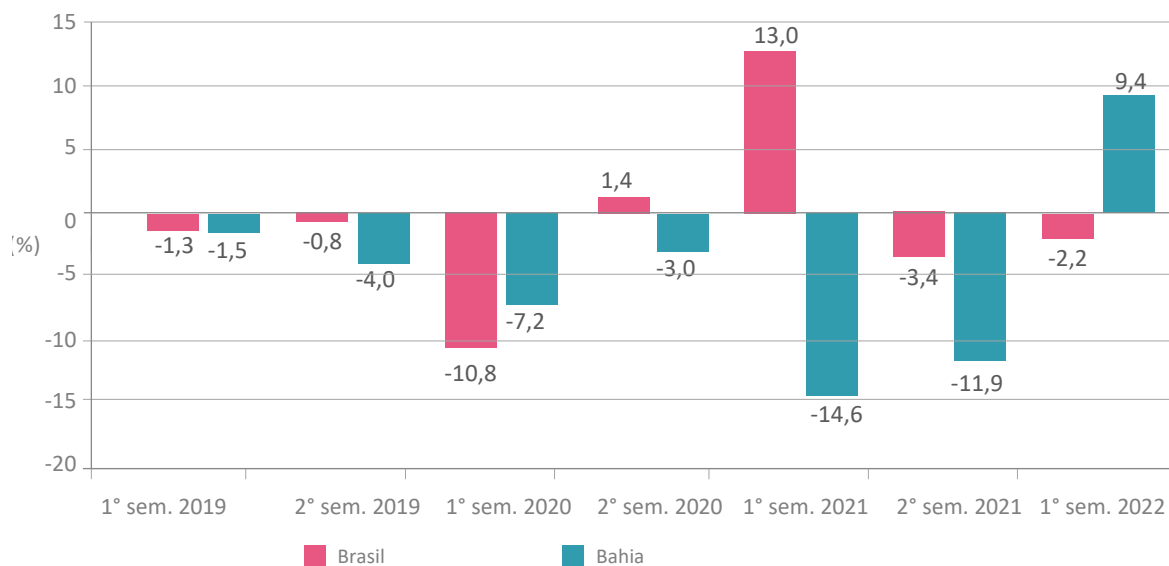
(2) Variação no trimestre em relação ao trimestre exatamente anterior. Dados ajustados sazonalmente.

No primeiro semestre de 2022, a produção física da indústria baiana registrou expansão de 9,4%, após seis semestres consecutivos de queda. Desde último semestre de 2018, quando obteve taxa de 1,2%, a indústria baiana não apresentava resultado positivo semestralmente. Esse crescimento foi alavancado especialmente pelo setor de derivados de petróleo. Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país caiu 2,2% (Gráfico 2).

Gráfico 2

Produção física industrial

Brasil e Bahia – 1º sem. 2019-1º sem. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2022).

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação no semestre em relação ao mesmo semestre do ano anterior.

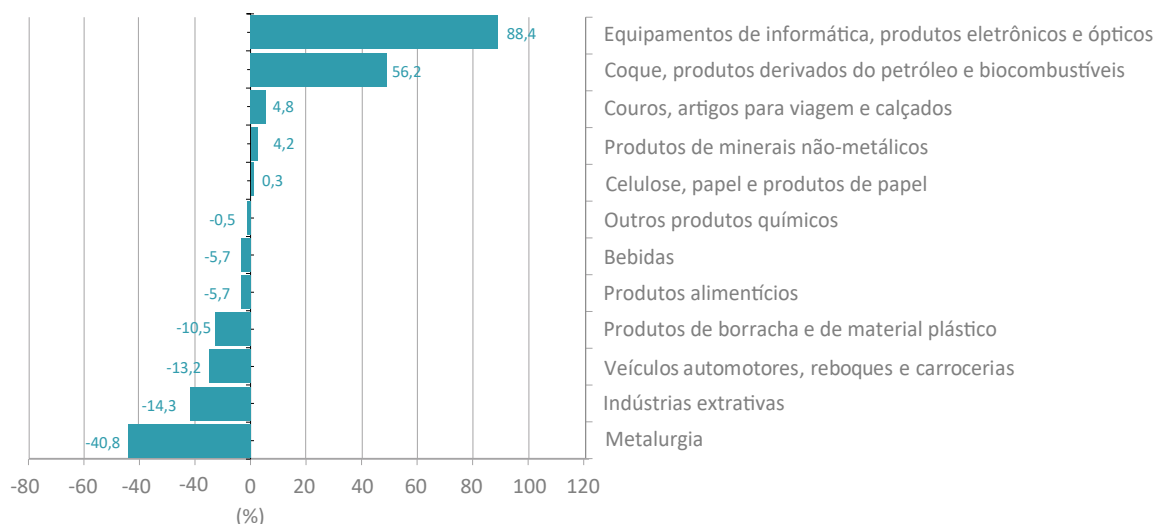
Na análise dos segmentos da indústria baiana, no primeiro semestre, em comparação com o mesmo período do ano anterior, apesar da maioria dos segmentos da indústria de transformação baiana apresentar taxas negativas, conforme dados ilustrados no Gráfico 3, houve aumento da produção industrial de transformação do estado no período, com taxa de 11,1%, pois aqueles que registraram avanço têm importante participação (40,9%) no valor da transformação industrial⁵.

⁵ Segundo dados do IBGE divulgados pela Pesquisa Industrial Anual de 2020. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1849#resultado>. Acesso em: 19 ago. 2022.

Gráfico 3

Produção física da indústria por setores de atividade (%)

Bahia – Jan.-jun. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2022).

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado positivo da indústria de transformação baiana tem-se, inicialmente, o setor derivados de petróleo. No semestre, a produção expandiu 56,2%, com aumento no processamento de óleo diesel, óleo combustível e gasolina.

Na indústria calçadista, o avanço do setor deu-se principalmente pelo aumento na produção de calçados, influenciado pelo aumento da demanda por esses produtos, após forte retração da mesma no período da crise sanitária, quando houve grande perda de renda e poder de compra.

O setor de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos registrou aumento de 88,4%, principalmente atribuído ao crescimento na produção de computadores pessoais de mesa e portáteis.

A produção de Minerais não metálicos, acumula no semestre aumento de 4,2%. No período, houve aumento, principalmente, na fabricação de cimentos "Portland", elementos pré-fabricados para construção civil e massa de concreto. A boa performance do segmento se dá mesmo diante de um cenário desafiador com forte pressão dos custos dos insumos utilizados. Um exemplo é o preço do coque de petróleo, principal fonte de energia para a indústria do

cimento, que subiu 73,5% nos últimos 12 meses. Além do coque, energia elétrica, frete, sacaria, gesso e refratários seguem registrando forte aumento de preços, de acordo com o Sindicato Nacional da Indústria de Cimento (SNIC)⁶.

O segmento de Celulose e papel registrou aumento na produção de pasta química de madeira e papel para usos diversos. A demanda permanece forte tanto no mercado doméstico quanto no mercado internacional, diante da retomada da atividade e da recuperação do consumo de papéis de imprimir e escrever.

A principal contribuição negativa para o semestre veio do setor Metalúrgico, impactado, principalmente na transformação do cobre com queda na produção de barras, perfis e vergalhões de cobre e de ligas de cobre.

A queda na indústria de Alimentos no primeiro semestre do ano foi atribuída, principalmente, à menor produção de açúcar cristal, farinha de trigo e cacau ou achocolatado em pó. Esse setor também reflete o ambiente macroeconômico interno com alta nos custos de matérias-primas, insumos e energia.

Por sua vez, o segmento de Borracha e material plástico, com queda de 10,5% no semestre, teve o desempenho influenciado, principalmente pela queda na produção de embalagens plásticas e de pneus novos para automóveis.

A indústria de Bebidas recuou em 5,7% no primeiro semestre, comparada ao mesmo período do ano anterior, impactada pela redução na produção de cervejas e chopes.

A indústria de produtos químicos, que recuou apenas 0,5% no semestre, foi prejudicada pela menor produção de bens químicos de uso industrial e fertilizantes (NPK).

O setor de Veículos registrou queda de 13,2% no semestre, atribuído, principalmente, ao declínio na produção de bancos de metal e peças e acessórios para sistema de direção e suspensão para veículos.

Por fim, a indústria Extrativa, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), caiu 14,3% no primeiro semestre do ano de 2022, principalmente em decorrência do recuo na produção de óleos brutos de petróleo e gás natural.

⁶ Ver Resultados Preliminares de Junho 2022. Disponível em: <http://snic.org.br/numeros-resultados-preliminares-ver.php?id=74¬icia=Resultados%20Preliminares%20de%20Junho%202022>. Acesso em: 26 ago. 2022.

Para concluir, no segundo semestre, a expectativa é de que a taxa de crescimento da produção industrial baiana tenda a arrefecer, em parte por conta de paralisações programadas para algumas atividades e, por outra, pelas incertezas que o período eleitoral pode refletir sobre o cenário macroeconômico nacional. Há, também, um quadro incerto quanto ao ambiente internacional, posto que a demanda externa possa esfriar diante das expectativas de desaceleração das principais economias do mundo.

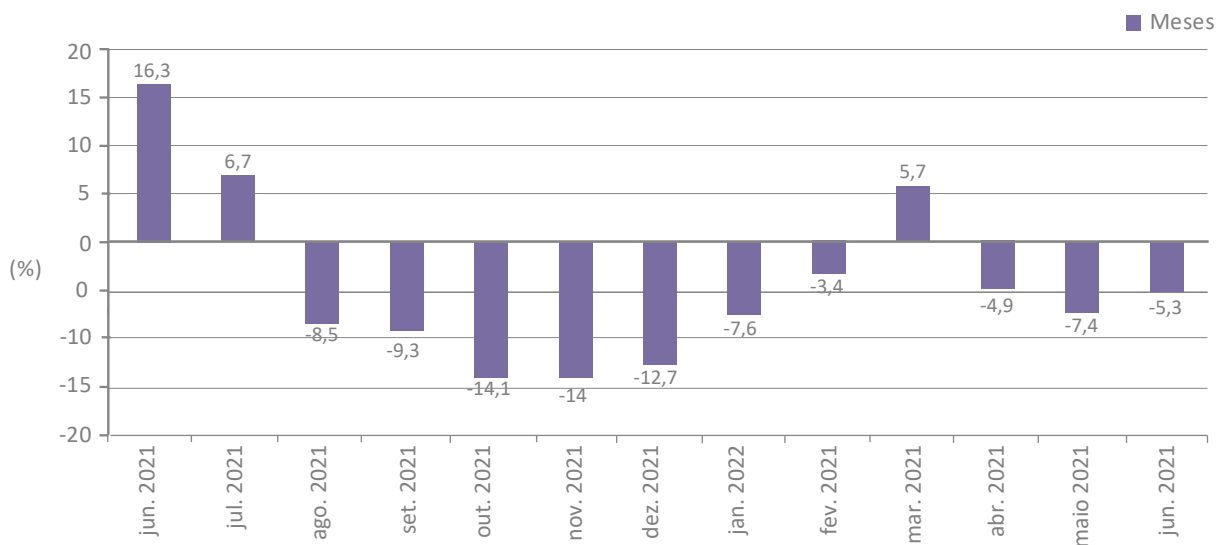
Porém, a manutenção dos preços elevados de determinadas commodities – como dos segmentos de papel e celulose, alimentício, metais e minerais – asseguram o crescimento de parte do setor produtivo local, pois possuem maior presença no mercado internacional

COMÉRCIO VAREJISTA

Elissandra Alves de Brito
elissandra@sei.ba.gov.br

O comportamento do comércio varejista na Bahia nos primeiros seis meses de 2022 evidencia que as vendas no setor permanecem numa trajetória de declínio. Em junho/22, houve recuo nos negócios pelo terceiro mês consecutivo (-5,3%) (Gráfico 1). Nem mesmo os incentivos concedidos pelo governo federal, como liberação parcial do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), estabilização nos índices de desemprego e antecipação de pagamento do 13º salário de aposentados e pensionistas, além do efeito da adoção do Auxílio Brasil, em valores maiores do que o Bolsa Família, reverteram esse quadro. A retração também foi observada na análise trimestral e semestral.

Gráfico 1
Volume de vendas do comércio varejista
Bahia – 2021-2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio (2022).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

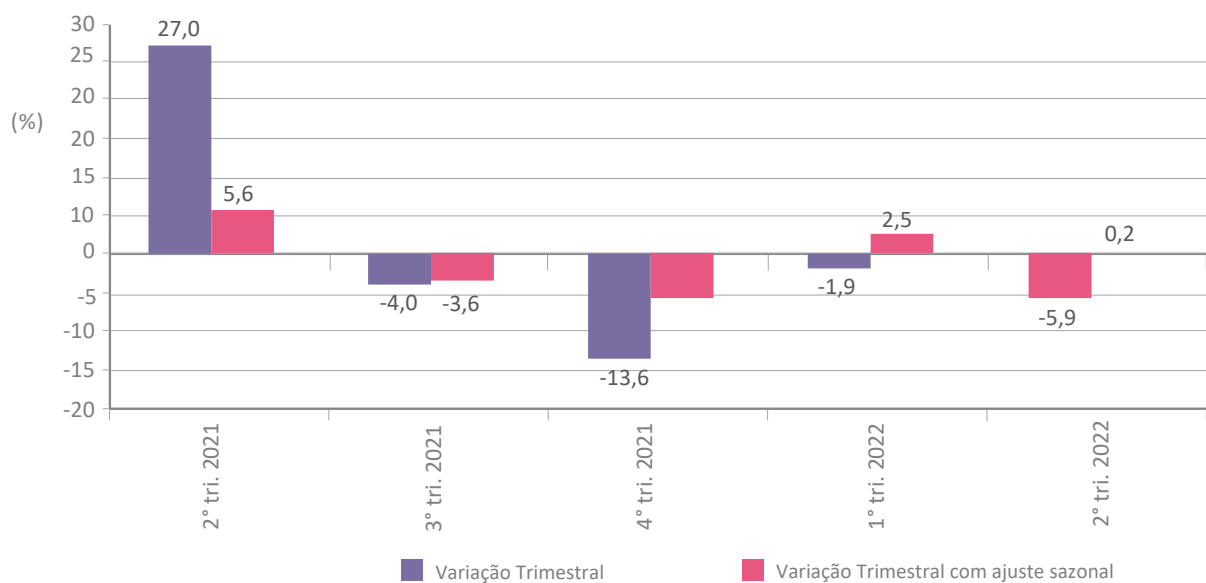
No segundo trimestre de 2022, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do comércio varejista registrou recuo de 5,9%, em relação a igual trimestre do ano anterior (27,0%) (Gráfico 2). Nessa mesma base de comparação, o varejo nacional apresentou taxa positiva de 1,3%. Na análise sazonalizada, a taxa foi positiva em 0,2%, em função dos

estímulos adotados pelo governo, mas em ritmo arrefecido quando observada a taxa do trimestre imediatamente anterior (2,5%).

Gráfico 2

Volume de vendas do comércio varejista(1)

Bahia – 2º tri. 2021-2º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio (2022).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

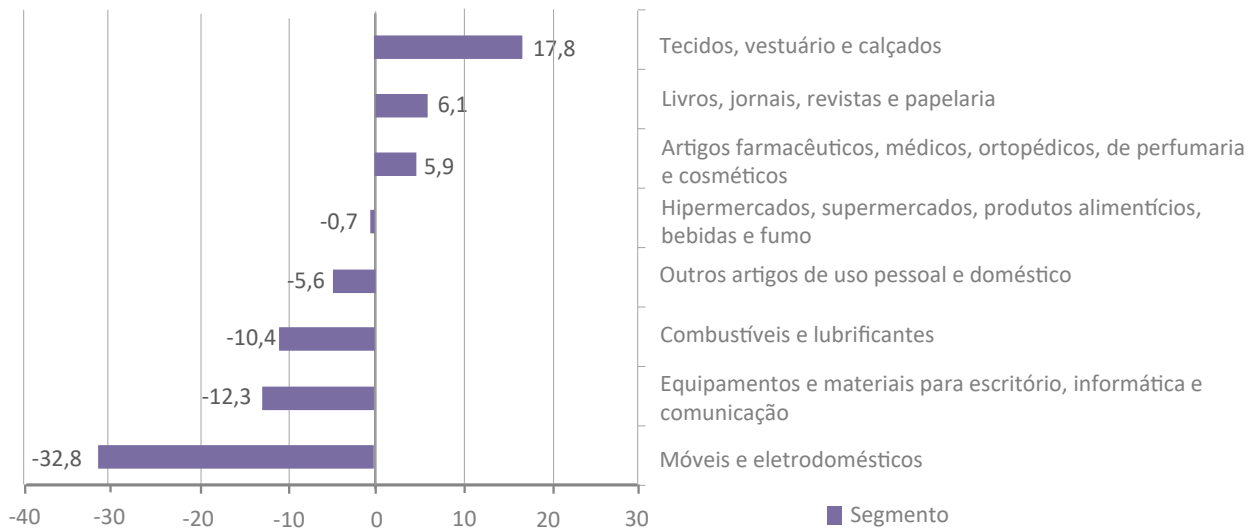
(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente.

Na série observada, o desempenho do varejo baiano no segundo trimestre é ratificado na trajetória declinante apresentada por cinco dos oito segmentos que compõem o setor, são eles: Móveis e eletrodomésticos (-32,8%), Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-12,3%), Combustíveis e lubrificantes (-10,4%), Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-5,6%), e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-0,7%). Já Tecidos, vestuário e calçados (17,6%), Livros, jornais, revistas e papelaria (6,1%), e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (5,9%) registraram expansão nas vendas no período analisado (Gráfico 03).

Gráfico 3

Volume de vendas das atividades do comércio varejista(1)

Bahia – 2º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio (2022).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Dentre as variações negativas, têm-se o comportamento de *Móveis e eletrodomésticos* que apresentou a maior contribuição negativa no trimestre analisado. Segmento bastante influenciado pela disponibilidade de crédito no mercado, traz no encarecimento do mesmo o seu principal entrave. A estratégia do Banco Central de elevar a taxa de juros para controlar a inflação, associada ao comprometimento da renda do consumidor e aumento do endividamento das famílias tem comprometido as vendas nessa atividade que registra quedas consecutivas desde o mês de julho de 2021.

Quanto a *Combustíveis e lubrificantes*, verifica-se que as suas vendas são influenciadas pelo cenário de incerteza da atividade econômica. A elevação dos preços desse produto, acima da variação média de preços, leva os consumidores a realizarem um uso mais consciente dos veículos. De acordo com os dados do IBGE, nos meses de maio/2022 e junho/2022, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou variações positivas no item combustíveis de 6,51% e 4,53%, respectivamente, em Salvador/BA.

Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do comércio varejista também registrou recuo nas vendas, mas de forma mais suave. Esse desempenho é resultado do uso dos estímulos

concedidos pelo governo na compra de alimentos, uma vez que a renda do trabalhador está comprometida e também a desaceleração nos preços dos alimentos verificados entre os meses de maio (0,94%) e junho (0,39%) no subgrupo de alimentação no domicílio. No subgrupo *hipermercados e supermercados* houve expansão de 2,2% nas vendas, na mesma base de comparação.

Por outro lado, a maior contribuição positiva para o comércio varejista no segundo trimestre foi de *Tecidos, vestuário e calçados*. A volta das atividades presenciais e aos eventos festivos levaram ao aumento de fluxo de pessoas nas lojas, influenciando os negócios de vestuário. Em junho, essa atividade registrou a maior variação positiva e retomou o seu comportamento pós-pandemia.

Na análise semestral, o varejo restrito mantém retração nas vendas. A queda de 4,0% foi influenciada novamente pelos segmentos de *Móveis e eletrodomésticos* (-29,1%), *Combustíveis e lubrificantes* (-11,5%), e *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (-3,0%) (Tabela 1).

Tabela 1

Volume de vendas do comércio varejista

Bahia – 1º sem. 2022(1)

Atividade	Ano(2)
Comércio Varejista	-4,0
1 - Combustíveis e lubrificantes	-11,5
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-3,0
2.1 - Hipermercados e supermercados	-1,7
3 - Tecidos, vestuário e calçados	23,1
4 - Móveis e eletrodomésticos	-29,1
4.1 - Móveis	-29,1
4.2 - Eletrodomésticos	-29,9
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	13,4
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	3,4
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	14,9
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	0,6
Comércio Varejista Ampliado	-3,1
9 - Veículos, motos, partes e peças	-0,7
10 - Material de construção	-3,4

Fonte IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2022).

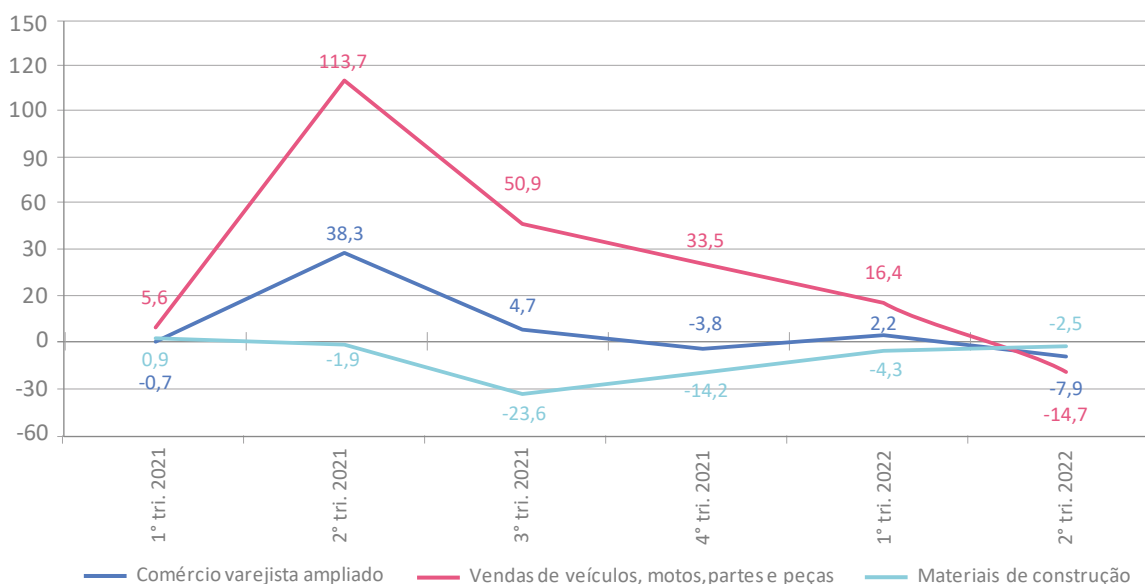
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

(1) Compra a variação mensal do mês de referência com igual mês do ano anterior.

(2) Compra a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

No comércio varejista ampliado, que inclui o varejo e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças* e de *Material de construção* a retração no segundo trimestre foi de 7,9%, em relação a igual trimestre do ano anterior. Esse resultado foi influenciado pelo comportamento de *Veículos, motos, partes e peças* (-14,7%), acompanhado de *Material de construção* (-2,5%) (Gráfico 04). Em igual comparação, as taxas no país foram negativas em 0,8%, 2,7% e 9,6% para o varejo ampliado, *Veículos, motos, partes e peças* e de *Material de construção*, respectivamente.

Gráfico 4
Volume de vendas do comércio varejista ampliado
Bahia – 1º tri. 2021-2º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio (2022).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

No acumulado do ano, quando observado o comportamento do comércio ampliado (-3,1%) em relação a igual período do ano passado (16,6%), verifica-se uma retração no volume de vendas proveniente, assim como no varejo restrito, a influência de um efeito base, dado o comportamento do setor em 2021.

Veículos, motos, partes e peças refletiu um efeito estatístico e o encarecimento do crédito. Desde abril/22, a atividade apresenta resultado negativo nas suas vendas, levando a queda de 0,7% no semestre. Fortemente influenciada pelo crédito, essa atividade teve suas vendas comprometidas em razão das incertezas quanto ao comportamento da atividade econômica

no país. Esse cenário levou as instituições financeiras a restringirem a liberação de crédito, dada a iminente elevação da taxa de inadimplência.

Já no segmento de *Material de construção*, o recuo nas vendas foi verificado em todo o segundo semestre de 2021 e em quatro meses do primeiro semestre de 2022. Em função das quedas registradas neste período, a taxa semestral ficou negativa em 3,4%. Esse comportamento é resultado do comprometimento da renda, e do elevado grau de endividamento das famílias, que acaba levando o consumidor a adiar a intenção em realizar benfeitorias em seus imóveis

Nesse aspecto, os dados apresentados pela PMC nos últimos meses resultaram no comprometimento das vendas seja na ótica trimestral ou semestral no varejo restrito e ampliado no estado baiano. Assim sendo, as expectativas para o terceiro trimestre de 2022 é que o setor continuará apresentando taxas negativas, embora o ritmo de queda deva perder a intensidade. Apesar das incertezas quanto à atividade econômica ainda permanecerem dada a proximidade das eleições, a desaceleração da inflação, a continuidade de pagamento do Auxílio Brasil associado ao acréscimo de R\$ 200,00 que vigorará a partir de agosto até dezembro de 2022, e a melhoria no mercado de trabalho deverão estimular as vendas no setor.

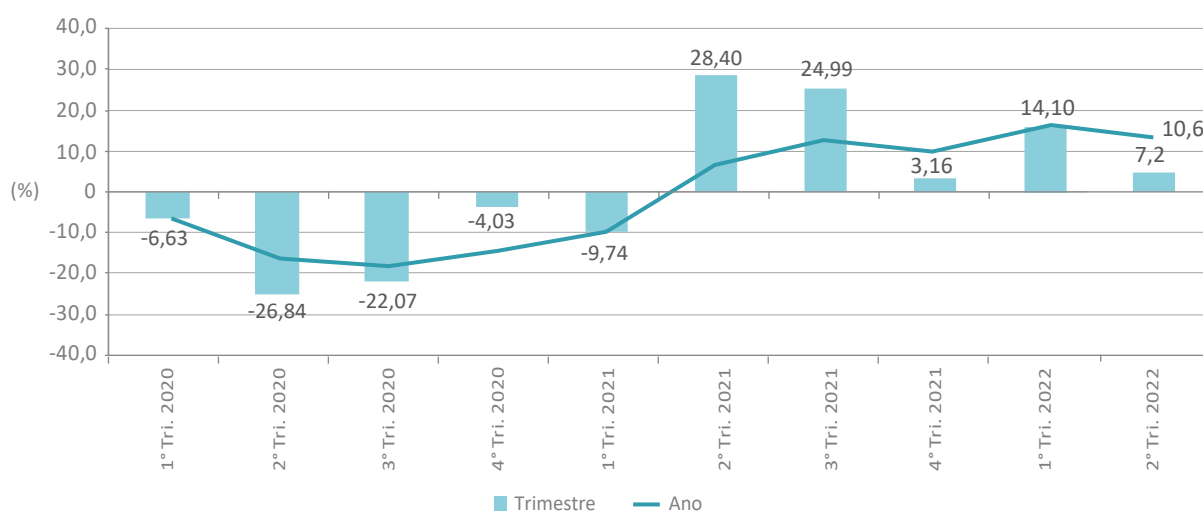
De acordo com os dados divulgados pela Fundação Getulio Vargas, em agosto, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) subiu 4,1 pontos, passando para 83,6 pontos. No mesmo mês, o Índice de Confiança do Comércio (Icom) da mesma instituição também cresceu 4,3 pontos, ao passar de 95,1 para 99,4 pontos. Corroborando para um cenário mais otimista, o Índice de Intenção de Consumo das Famílias (ICF) da Fecomércio-BA cresceu 1,4% em agosto na comparação com julho, alcançando 88,3 pontos, contra 87,1 pontos do mês anterior.

SERVIÇOS

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o 2º trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 7,2%, mantendo a aceleração iniciada no 2º trimestre de 2021 (28,4%). Essa é a quinta taxa positiva consecutiva, para esse tipo de comparação. A variação também contribuiu positivamente no resultado nacional, que expandiu 8,2% (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume de Serviços(1)(2)
Bahia – 1º tri. 2020- 2º tri. 2022



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nessa análise, três das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para a atividade de Serviços prestados às famílias⁷ (73,2%), que apontou a mais

⁷ Inclui os seguintes serviços: atividades artísticas, criativas e de espetáculos; atividades esportivas, de recreação e lazer (exceto clubes); lavanderias, tinturarias e toalheiros; cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza; atividades funerárias e serviços relacionados; outros serviços pessoais (clínicas de estética, serviços de alojamento, higiene e adestramento de animais domésticos, serviços de engraxates e carregadores de malas etc.); atividades de apoio à educação e serviços de educação continuada (cursos de idiomas, de ensino de esportes, arte e cultura, cursos preparatórios para concursos etc.).

expressiva variação positiva, seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (7,3%), e Serviços profissionais, administrativos e complementares (5,1%). Outros serviços⁸ (-29,9%) e Serviços de informação e comunicação (-7,1%) contabilizaram queda.

Regionalmente, 24 unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional (8,2%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram em Alagoas (22,9%), seguido por Amapá (20,3%), depois Ceará (20,0%), e Paraíba (15,0%). Nessa comparação, a Bahia (7,2%) contabilizou a décima nona variação positiva. Em sentido oposto as contribuições negativas vieram do Distrito Federal (-4,3%), Rondônia (-3,3%) e Acre (-1,7%).

Seguindo o mesmo comportamento, a receita nominal de serviços na Bahia, no acumulado do 2º trimestre de 2022 cresceu 20,3%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Assim, três das cinco atividades puxaram a receita de serviços para cima, com destaque para a atividade de Serviços prestados às famílias (82,6%), que apontou a mais expressiva variação positiva, seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (26,2%), e Serviços profissionais, administrativos e complementares (13,5%). Outros serviços (-23,8%) e Serviços de informação e comunicação (-1,4%) contabilizaram queda.

Regionalmente, todas as unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional (17,4%). As variações mais expressivas, em termos regionais, ocorreram em Alagoas (37,0%), seguido por Amapá (32,7%), depois Ceará (32,0%), e Paraíba (26,5%). Nessa comparação, a Bahia contabilizou a décima primeira variação positiva mais significativa entre as unidades da federação e Rondônia (4,4%), a variação menos expressiva.

O volume de serviços da Bahia avançou 10,6%, no acumulado do primeiro semestre do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior. Diante dessa análise, três das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para as atividades de Serviços prestados às famílias (59,7%). Seguidas pela atividade de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (11,8%). Depois, Serviços profissionais, administrativos e complementares (5,8%). Por outro lado, as atividades que contribuíram negativamente foram Outros serviços (-15,4%), e Serviços de informação e comunicação (-5,3%).

Na comparação nacional, 25 unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional (8,8%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram em Alagoas (23,6%), seguido por Ceará (17,6%) e Amapá (16,3%). Nessa comparação, a Bahia (10,6%) contabilizou a décima terceira variação positiva e Rondônia (-1,9%) a variação negativa mais importante

⁸ Inclui os seguintes serviços: atividades imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais.

Ao observar os resultados apresentados pelo Indicador de Confiança do Empresariado Baiano da SEI e a Sondagem Empresarial da Fundação Getulio Vargas (FGV), a expectativa é de recuperação para o setor nos meses subsequentes, pois todas as atividades econômicas já retornaram à normalidade. “De junho a julho, o setor de Serviços exibiu o segundo aumento seguido da confiança, uma alta de 19 pontos – a mais intensa entre as atividades nessa base de comparação. O indicador, entretanto, permaneceu abaixo de zero, o que ocorre desde março de 2020. Em relação ao mesmo mês de um ano antes, ocorreu um progresso de 86 pontos, a maior expansão anual entre os segmentos. A confiança se posicionou superior à média histórica em 134 pontos” (ICEB-SEI).

“Depois de dar sinais de desaceleração ao final do primeiro semestre, a confiança do setor de Serviços volta a subir em julho de forma disseminada entre os segmentos. Foi também a primeira vez que o ICS ultrapassou o nível neutro de 100 pontos desde setembro de 2013. O resultado favorável foi influenciado tanto pela percepção de melhora da demanda corrente quanto das expectativas para os próximos meses. O período eleitoral pode aumentar os níveis de incerteza econômica, mas as medidas de estímulo adotadas recentemente pelo governo devem manter a atividade do setor aquecida e resultar em um terceiro trimestre mais positivo do que inicialmente esperado”, avaliou Rodolfo Tobler, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (IBRE/FGV).

As perspectivas de fomento no setor de serviços para os próximos meses são favoráveis, uma vez que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) divulgou a lista das 40 instituições financeiras habilitadas a oferecer empréstimo por meio do Programa Emergencial de Acesso a Crédito (FGI-Peac), que foi reaberto. O público-alvo são microempreendedores individuais (MEIs), micro, pequenas e médias empresas (MPMEs). Na lista, estão agências de fomento, bancos de montadoras, cooperativas de crédito, bancos cooperativos, bancos privados e bancos públicos que aderiram ao programa (Valor econômico)

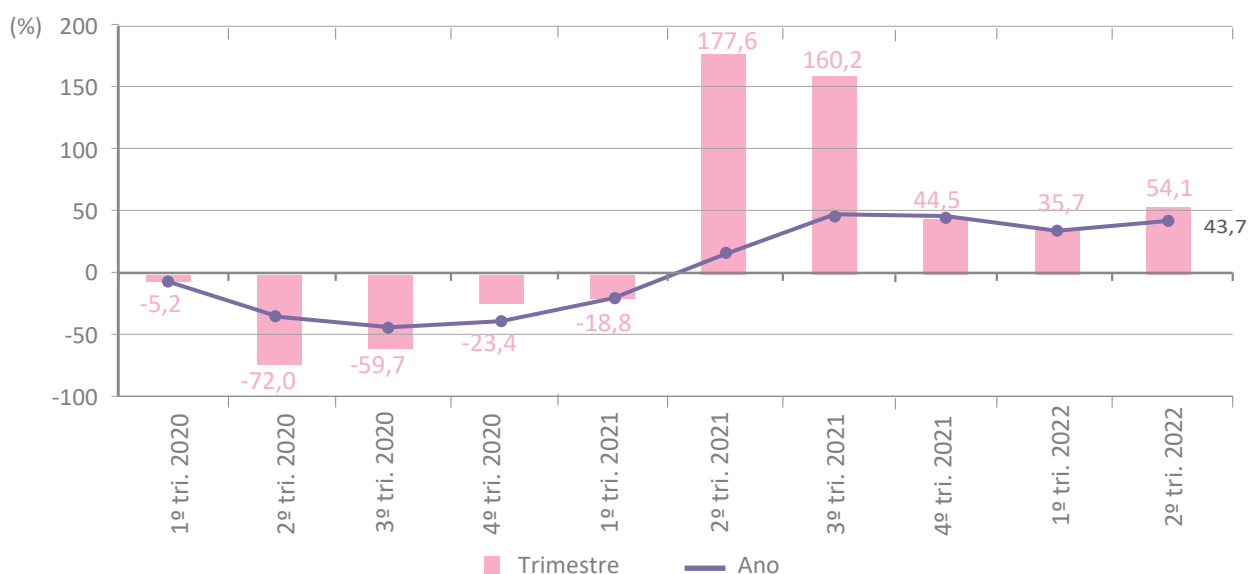
De acordo com o BNDES, para que uma operação de crédito seja elegível à garantia pelo FGI-Peac ela deve ser destinada a investimento ou capital de giro, de valor entre R\$ 1 mil e R\$ 10 milhões, ter prazo de pagamento de até 60 meses e carência entre 6 e 12 meses. A cobertura estabelecida pelo programa é de 80% do valor do contrato. O BNDES afirma que recebeu pedidos de garantias para operações em um total de R\$ 1,1 bilhão enviadas por 11 instituições. O programa tem expectativa de garantir mais de R\$ 22 bilhões em crédito até o final de 2023 (Valor econômico).

TURISMO

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas⁹ na Bahia, quando comparado com o 2º trimestre do ano anterior, marcou expansão de 54,4%, mantendo a aceleração iniciada no 2º trimestre de 2021 (177,6%). Essa é a quinta taxa positiva, para esse tipo de comparação, e a quinta variação positiva mais expressiva de toda a série histórica, iniciada em janeiro de 2011(Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume das atividades turísticas(1)(2)
Bahia – 1º tri. 2020-2º tri. 2022



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

⁹ Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil expandiu 48,2% no acumulado do segundo trimestre, frente a igual período do ano anterior. Todos os 12 locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos de Ceará (78,1%), seguido por Minas Gerais (77,8%), depois Rio Grande do Sul (64,1%), e Espírito Santo (54,5%). Nessa comparação, a Bahia (54,4%) apontou a quinta variação positiva mais expressiva e superior à média nacional. O Rio de Janeiro (27,8%), por sua vez, marcou a variação menos significativa entre os locais.

Seguindo o mesmo comportamento, a receita nominal das atividades turísticas no Brasil expandiu 76,0% no acumulado do segundo trimestre, frente a igual período do ano anterior. Todas as unidades marcaram o mesmo ritmo de crescimento com destaque para Ceará (118,4%), seguido por Rio Grande do Sul (92,5%), depois Minas Gerais (90,8%). Nessa comparação, a Bahia (89,5%) apontou a quarta variação positiva mais expressiva e superior à média nacional. O Rio de Janeiro (49,9%), por sua vez, contabilizou a alteração menos expressiva entre os locais investigados.

O volume do agregado especial de atividades turísticas no Brasil cresceu 45,2%, no primeiro semestre de 2022, frente a igual período de 2021, impulsionado pelos aumentos de receita nos ramos de transporte aéreo de passageiros; restaurantes; hotéis; locação de automóveis; transporte rodoviário coletivo de passageiros; e serviços de bufê. Todos os doze locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos de Minas Gerais (73,7%), seguido por Rio Grande do Sul (62,7%), depois Ceará (61,5%), e São Paulo (50,4%). Nessa comparação, a Bahia (43,7%) apontou a sexta variação positiva mais expressiva e o Rio de Janeiro (24,1%), a variação menos importante entre os locais.

A receita nominal do turismo no Brasil cresceu 64,6%, entre janeiro e junho de 2022, frente a igual período do ano anterior. Todos os doze locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos de Ceará (86,4%), seguido por Minas Gerais (83,6%), depois Rio Grande do Sul (82,7%), e São Paulo (70,4%). Nessa comparação, a Bahia (69,5%) apontou a quinta variação positiva mais expressiva e superior à média nacional. O Rio de Janeiro (40,8%), por sua vez, contabilizou a variação menos expressiva entre os locais investigados.

Seguindo a mesma tendência do volume e da receita nominal das atividades turísticas, segundo as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência, sistematizadas pela SEI, no primeiro semestre de 2022, na Bahia, o setor de turismo contabilizou saldo positivo, indicando uma geração líquida de 2.622 postos de trabalho, decorrente de 28.039 admissões e 25.417

desligamentos. Um cenário, portanto, muito melhor do que o observado no mesmo conjunto de meses do ano de 2021, quando o referido setor registrou uma perda líquida de 1.141 vagas em território baiano (SEI)

Dos 27 subsetores econômicos do turismo local, 19 deles geraram postos de trabalho no acumulado deste ano. No caso, *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas*, *Locação de automóveis sem condutor* e *Transporte rodoviário de táxi* foram os de maiores expansões, com mais 819, 702 e 533 novos vínculos formais, respectivamente. Enquanto isso, entre os que demitiram mais do que admitiram, *Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente* (-34 postos), *Hotéis e similares* (-16 vagas) e *Concessionárias de rodovias, pontes, túneis e serviços relacionados* (-12 postos) foram os subsetores com as maiores perdas no mencionado período (SEI).

Conforme os dados da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (Setur), a taxa média de ocupação dos meios de hospedagem na capital baiana foi de 53,7% no 2º trimestre de 2022. Esse resultado ficou acima 22,1 p.p. da taxa contabilizada no mesmo trimestre do ano anterior (31,6%). Conforme os dados da Setur, a taxa média de ocupação dos meios de hospedagem na capital baiana no acumulado do ano de janeiro até junho de 2022 foi de 58,2%. Esse número ficou acima 21,4 p.p. da taxa média contabilizada no mesmo período do ano anterior. Vale ressaltar, que no mês de junho foram consultados 51 estabelecimentos, com 100% de respondentes, dentre os quais 9,8% informaram fechamento do estabelecimento comercial

O aeroporto de Salvador recebeu 1,5 milhão de passageiros no primeiro semestre do ano, uma alta de 0,3% em relação ao mesmo período do ano de 2019. Na comparação com 2021, o percentual é ainda maior: 78%. De acordo com a Vinci Airport, concessionária do terminal, o crescimento da movimentação caminha junto com o aumento no número de voos e de destinos que se conectam à capital baiana. Recentemente, a Azul Viagens anunciou rotas inéditas para Salvador durante o verão. Como resultado da recuperação do transporte aéreo brasileiro, ainda segundo balanço da Agência divulgado no mês de agosto, as três principais companhias aéreas brasileiras (Latam, Gol e Azul) fecharam o 1º trimestre de 2022 com resultado líquido positivo e aumentaram sua oferta de voos em 49,3%, 39,6% e 14,6%, respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano passado (MTur)

Após um forte ciclo de expansão nos últimos anos, a Socicam entra agora em um novo momento, de reorganização interna e foco nos contratos conquistados recentemente. A empresa, fundada há 50 anos para gerir terminais rodoviários, se tornou a maior operadora de aeroportos de médio porte do país. Já são 26 terminais no portfólio, dos quais 17 foram conquistados desde 2019. "O backlog de contratos da empresa quadruplicou em cinco anos",

afirmou Wanderley Galhiego Jr., diretor de Novos Negócios e Inovação da companhia, em conversa com o Valor. A empresa deverá chegar ao fim de 2022 com um estoque de projetos de R\$ 10,7 bilhões (considerando a receita bruta de todos os contratos, ao longo de todo o prazo das concessões) (Valor econômico)

O processo de diversificação da empresa começou há dez anos, com a conquista de terminais urbanos, os primeiros aeroportos regionais e alguns terminais portuários voltados a passageiros de turismo, na Bahia. Hoje, a companhia se considera uma empresa de transporte de passageiros em todas as plataformas, segundo Galhiego. Ele conta que a empresa inclusive trabalha em protótipos de terminais pensados para os eVTOLs – como são chamados os “carros voadores” em desenvolvimento pela Embraer. Essa diversificação, segundo o diretor, se mostrou uma estratégia acertada durante a pandemia, quando os negócios da empresa foram duramente afetados. Ainda conforme o diretor, a demanda já está muito próxima da normalidade em 80% das operações do grupo, mesmo com o cenário de crise e inflação no país. (Valor econômico)

Nesse contexto, a Câmara dos Deputados aprovou, por 267 a 94, a proposta que cria as loterias de saúde e de turismo com recursos destinados ao Fundo Nacional de Saúde e à Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur). O texto segue para sanção ou veto do presidente Jair Bolsonaro. Os deputados acataram mudança feita pelo Senado que prevê a possibilidade de as novas loterias serem concedidas à iniciativa privada. Um mês após a publicação da lei, o Ministério da Economia estabelecerá as regras para a concessão (Valor econômico)

De acordo com a proposta, durante a emergência em saúde pública de importância nacional provocada pela covid-19, os recursos deverão ser aplicados apenas em programas e ações de prevenção e combate aos efeitos da pandemia, com prioridade para a aquisição de insumos, materiais, vacinas e equipamentos. Também deverão ser encaminhados para medidas que busquem diminuir os efeitos de contágio pela covid-19. O texto ainda estabelece que, caso os acertadores das loterias não busquem os prêmios, os valores serão revertidos para o Fundo Nacional de Saúde e a Embratur, que deverão publicar como os recursos obtidos com as loterias foram aplicados.

É importante destacar que o setor do turismo foi impactado pelas medidas de contenção à covid-19 na Bahia, mas, ainda assim, os resultados apresentados pela Pesquisa de Serviços do IBGE foram de expansão. A realização dos festejos juninos no segundo trimestre contribuíram significativamente para o excelente desempenho do setor. Ao observar o resultado apresentado pelo Índice de Confiança de Serviços (ICS), do Instituto Brasileiro de

Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV/IBRE), a expectativa é de aceleração para o setor de serviços nos meses subsequentes. Cabe ressaltar, que existe uma demanda reprimida pelo consumo das atividades turísticas, mais relacionada à área de eventos culturais, o que irá fomentar e fortalecer o turismo doméstico

COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior
arthurcruz@sei.ba.gov.br

Ismael Barros da Silva
(ismaelsilva@sei.ba.gov.br)

A economia mundial enfrenta uma série de obstáculos neste ano desde os *lockdowns* para conter a covid-19 na China. Da disparada dos preços nas áreas de energia e alimentos, com a invasão da Ucrânia pela Rússia e do esforço dos bancos centrais para combater a alta da inflação com o aumento dos custos dos empréstimos e da produção. É consenso que, a invasão da Ucrânia foi o fator decisivo, pois provocou a disparada dos custos de energia e alimentos, num momento em que a inflação já superava as metas dos bancos centrais, transformando de maneira fundamental a trajetória da economia mundial e a da Europa em particular.

Com as ameaças globais começando a se materializar, como a forte contração das principais economias no segundo trimestre e o aumento acelerado da inflação, o Banco Mundial reduziu sua previsão de crescimento global para 2022 em quase 1 ponto percentual, para 3,2%, de 4,1% anteriormente, devido aos impactos da invasão da Ucrânia pela Rússia. A principal responsável pela redução da previsão de crescimento global do banco foi a estimativa de contração de 4,1% na região da Europa e Ásia Central – que inclui Ucrânia, Rússia e países vizinhos. As previsões também foram cortadas para economias avançadas e em desenvolvimento por causa da disparada nos preços de alimentos e energia provocada por interrupções no abastecimento relacionadas à guerra.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) também reduziu sua previsão de crescimento econômico global em quase um ponto percentual, como efeito da guerra entre a Rússia e Ucrânia e com um aviso de que a inflação agora é um “perigo claro e presente” para muitos países. A guerra deve desacelerar o crescimento e aumentar ainda mais a inflação.

Novas sanções à energia russa e a ampliação da guerra, uma desaceleração mais acentuada do que o previsto na China e um novo surto da pandemia podem frear ainda mais o crescimento, o comércio e elevar a inflação. Ao projetar a média para os próximos três anos, o Fundo afirma que países de economia desenvolvida podem perder 0,9% do produto, enquanto economias emergentes devem desacelerar ainda mais, com média de 1,3%.

O credor global, que rebaixou suas previsões pela segunda vez neste ano, agora prevê crescimento global de 3,6% em 2022 e 2023, o que representa uma queda de 0,8 e 0,2 ponto percentual, respectivamente, ante a previsão de janeiro, dados os impactos diretos da guerra entre a Rússia e Ucrânia e repercussões globais. O crescimento global no médio prazo

deverá esfriar para 3,3%, em comparação com uma média de 4,1% no período de 2004 a 2013 e com crescimento de 6,1% em 2021.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) se juntou ao Banco Mundial e ao FMI para também reduzir suas estimativas para 2023. A OCDE reduziu sua previsão de crescimento global este ano para 3,0%, de 4,5% em sua última atualização trimestral, ao mesmo tempo em que revisou sua previsão de inflação para seus 38 membros de economia desenvolvida para pouco menos de 9%. A instituição alertou que o mundo pagará um “preço alto” pela interrupção sustentada dos fluxos comerciais devido à guerra na Ucrânia, à resposta às sanções do Ocidente e às interrupções contínuas da cadeia de suprimentos da política de Covid Zero da China.

Com esse cenário o Ministério da Economia revisou para baixo a projeção para o resultado da balança comercial brasileira no encerramento de 2022, diante de um salto na estimativa para as importações. De acordo com a nova previsão da pasta, o saldo comercial do ano deve ficar positivo em US\$ 81,5 bilhões, ante projeção de US\$ 111,6 bilhões feita em março.

A revisão foi causada principalmente pela alta nos preços de fertilizantes e combustíveis, produtos dos quais o Brasil depende de produtores internacionais. A mudança no cálculo foi impulsionada por um forte aumento na projeção para as importações, estimadas agora pelo governo em US\$ 268,0 bilhões, ante previsão de US\$ 237,2 bilhões previstos em março.

Mesmo com a revisão, se confirmado, o saldo será 32,7% maior do que o observado em 2021 quando ficou positivo em US\$ 61,4 bilhões, resultado anual recorde.

Tabela 1
Balança Comercial
Bahia - Jan.-jun. 2021/2022

Discriminação	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %
	2021	2022	
Exportações	4.437.819	8.835.358	54,03
Importações	3.835.075	5.823.733	51,85
Saldo	602.745	1.011.625	67,84
Corrente de comércio	8.272.894	12.659.092	53,02

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 10/08/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

A Bahia superou os bons resultados registrados pelo país e no primeiro semestre acumulou US\$ 6,8 bilhões em exportações, o que supera em 54% igual período do ano anterior. Nacionalmente, o avanço chegou a 20,6%. Já as importações somaram US\$ 5,82 bilhões, 51,9% acima do registrado no comparativo interanual, também superior ao incremento nacional que registrou alta de 31% no período. Esse resultado no período fez com que a balança comercial do estado acumulasse um superávit de US\$ 1,01 bilhão no semestre, enquanto que a corrente de comércio chegou a US\$ 12,7 bilhões, com aumento de 53% em relação ao mesmo período do ano antecedente.

Com relação ao segundo trimestre, a Bahia acompanhou os bons resultados registrados pelo país, registrando US\$ 4,2 bilhões em exportações, superior em 59,2% a igual período do ano anterior. Já as importações somaram aproximadamente US\$ 3 bilhões, 40,1% acima do registrado no segundo trimestre de 2021, com destaque para os desembarques de combustíveis que cresceram 51% na comparação interanual. Esse desempenho fez com que a balança comercial do estado acumulasse um superávit de US\$ 1,2 bilhão no trimestre, 137% superior no comparativo interanual.

Os preços continuaram durante todo o semestre, comandando o desempenho do comércio exterior baiano com contribuição determinante para a alta do valor tanto das exportações como das importações. No período, nas exportações, o aumento médio dos preços chegou a 18,2% superado também pelo quantum que avançou 30,2%. Por conta da alta de preços, e do incremento do volume embarcado, as receitas totais do estado no período fecharam com crescimento de 54% na comparação interanual

Por outro lado, esse aumento de preços dos produtos exportados tanto pela Bahia quanto pelo Brasil não está beneficiando a economia como no último boom das commodities, do início dos anos 2000 até meados da década passada. Na época, houve aceleração do crescimento econômico e queda do dólar, o que ajudou a manter a inflação relativamente sob controle, aumentou a renda nacional e derrubou a taxa de pobreza extrema – de 27,5% da população em 2001 para 8,4% em 2014. Dessa vez, apesar de os preços dos produtos agrícolas e minerais terem disparado (alta média de 50% em dólares desde 2020), há um ambiente de inflação global, o que encareceu as importações, sobretudo de combustíveis e fertilizantes, além de bens de consumo e máquinas e equipamentos. Isso diminuiu a quantidade de produtos que o Brasil e a Bahia poderiam importar com os dólares de suas exportações piorando os termos de troca.

Apesar de já estar havendo uma reversão do crescimento dos preços das commodities, por conta da desaceleração da economia mundial e da guerra entre a Rússia e Ucrânia que

está prejudicando o crescimento mundial, com a inflação elevada se espalhando por todo o mundo, a demanda internacional para as commodities se mantém firme, e os preços são puxados também pelos estoques inferiores aos de anos anteriores. O desarranjo provocado pela pandemia e, a partir de fevereiro, pela guerra entre Rússia e Ucrânia na economia e no transporte marítimo internacional, no entanto, tem feito com que o custo dos insumos supere o das commodities no período.

No curto prazo, a incerteza está relacionada à guerra entre Rússia e Ucrânia. A diminuição das exportações desses países está elevando os preços internacionais de alimentos e rações, e aumentos adicionais das cotações podem ocorrer se a guerra mantiver os preços da energia e dos fertilizantes em níveis elevados e prolongar as limitações dos embarques ucranianos e russos.

No segundo trimestre, itens importantes exportados da pauta baiana, já começaram a refletir a desaceleração global, reduzindo a quantidade embarcada (quantum), mas permanecendo com preços em alta comparados a igual período do ano passado – o aumento médio dos preços dos produtos exportados pelo estado no período chegou a 31,4%.

Exemplo maior nesse sentido veio da soja e derivados, cuja receita de exportação cresceu 26,1% no trimestre, enquanto o volume embarcado encolheu 6%. Ou seja, o aumento da receita só ocorreu via preços que subiram 34,1% no comparativo anual trimestral.

Esse cenário de desaceleração da economia mundial vem contribuindo para a queda na participação das exportações para a China de 31,5% no primeiro semestre do ano passado para 22,5%, em 2022. Com esse desempenho, observado, o país asiático teve um desempenho abaixo da média dos últimos anos que fica entre 28% a 30% de participação. O crescimento das exportações no período para o país também foi modesto: 9,8%, o que não impediu o gigante asiático continuar na liderança dentre os mercados de destino para as exportações estaduais.

Em relação ao desempenho por setor, os valores totais das exportações agropecuárias cresceram no semestre 31,4% em relação ao mesmo período de 2021, enquanto as vendas da indústria de transformação subiram 79,7%, puxadas principalmente pelo refino (derivados de petróleo) que registrou aumento das vendas em 280% na comparação interanual. As vendas da indústria extrativa, também cresceram, mas em menor proporção, 15,6% no período.

Tabela 2
Exportações Baianas – Principais segmentos
Jan.-jun. 2021/2022

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)			Part. %	Var. % Preço médio
	2021	2022	Var. %		
Petróleo e Derivados	548.681	2.082.225	279,50	30,46	71,98
Soja e Derivados	988.872	1.461.018	47,75	21,37	27,11
Químicos e Petroquímicos	551.343	819.238	48,59	11,99	31,80
Papel e Celulose	508.544	549.241	8,00	8,04	13,92
Minerais	309.434	403.760	30,48	5,91	11,65
Metalúrgicos	345.726	290.866	-15,87	4,26	-12,66
Algodão e Seus Subprodutos	273.963	264.970	-3,28	3,88	34,13
Metais Preciosos	254.213	247.565	-2,62	3,62	-8,00
Café e Especiarias	90.228	138.978	54,03	2,03	65,52
Cacau e Derivados	108.189	105.232	-2,73	1,54	5,35
Demais Segmentos	458.626	472.267	2,97	6,91	30,70
Total	4.437.819	6.836.358	54,03	100,00	18,03

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 10/08/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

As vendas externas baianas no segundo trimestre permanecem, como no trimestre anterior, sendo lideradas pelo setor de petróleo e derivados com vendas que chegaram a US\$ 1,36 bilhão, com crescimento de 237,3% na comparação com igual período do ano anterior e participação de 32,2% na pauta do segundo trimestre. Com a alta das cotações internacionais e o aumento da produção, continua sendo um dos principais responsáveis pelo bom desempenho das vendas externas baianas no ano uma vez que a Refinaria de Mataripe aumentou o volume exportado de derivados de petróleo em 80,7% na comparação interanual trimestral.

Há evidências que mostram tendência para uma retomada mais forte da produção e refino fino de petróleo pela Acelen em 2022, que anunciou pretensão de operar próximo da plena capacidade as ações do setor, mesmo com a base de comparação deprimida em 2021, resultado da parada de manutenção ocorrida nos meses de abril e maio do ano passado (queda de 63,2% na produção) e de ajustes operacionais para a transferência do controle da refinaria (que interferiram na produção ao longo do ano). Neste ano está programada uma parada para manutenção para o 4º trimestre de uma importante unidade de craqueamento catalítico. Essa parada para manutenção deve reduzir a taxa de crescimento que vem sendo observada no início deste ano, mas não será suficiente para frear significativamente a alta projetada para as exportações do setor em 2022.

A Refinaria de Mataripe, ex-Landulpho Alves, tem capacidade para processar mais de 300 mil barris de petróleo por dia, o que corresponde a 14% da capacidade total de refino do país.

Responde também por mais da metade do abastecimento na região Nordeste. A empresa tem mantido seus preços mais alinhados com o mercado internacional do que a Petrobras, e já admitiu exportar, principalmente o óleo combustível tipo "bunker", com altos preços e demanda externa firme, se os preços internos não seguirem a livre concorrência.

O agronegócio, puxado pelo complexo soja, termina o primeiro semestre com números recordes nas exportações. As vendas do período atingiram US\$ 2,75 bilhões, 27,2% a mais do que em igual período anterior. Essa boa evolução nas exportações ocorre, basicamente, devido ao aumento dos preços das commodities agrícolas. Essa alta, no entanto, foi repassada também para os insumos, elevando os gastos com importações para patamares recordes.

O complexo soja, principal item do segmento do agronegócio mostra como os preços favoreceram as exportações. No primeiro semestre, o volume de vendas cresceu 16,2%, para 2,58 milhões de toneladas, mas as receitas subiram bem mais, 47,8%, para US\$ 1,46 bilhão.

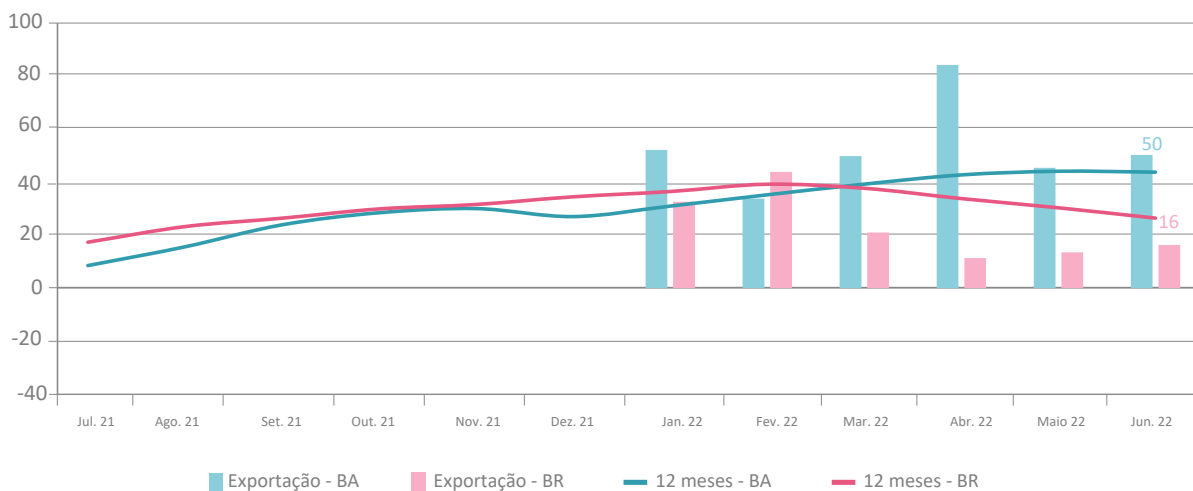
Além da soja, as exportações do agronegócio foram beneficiadas pelo bom desempenho nas vendas externas de café, celulose, sisal, couros e peles, e fumo e derivados.

O segmento petroquímico, por sua vez, que respondeu por 12% das exportações baianas no semestre e não deverá manter o crescimento no nível de 2021 quando atingiu incremento de 67,2%. O ano passado foi um dos melhores anos para a petroquímica brasileira e baiana, tanto em termos de vendas e faturamento, quanto em produção. No entanto, neste semestre, o segmento apresenta uma variação positiva de preços reais médios menor (31,8%), contra um aumento médio de 57,4% em 2021. Os resultados estão positivos sendo puxados por éteres acíclicos, pentóxido de vanádio butadieno, dentre os principais.

Considerando os principais produtos exportados, o Óleo combustível foi o mais importante produto exportado pela Bahia no primeiro semestre de 2022, com vendas externas de US\$ 2,03 bilhões (+278,6%). Em seguida, destacaram-se soja em grão (US\$ 1,14 bilhão e alta de 54%), celulose (549,2 milhões e alta de 8%), algodão (US\$ 261,3 milhões com queda de 4%), bagaços de soja (US\$ 249,7 milhões e alta de 24,8%) e bulhão dourado (ouro), com vendas de US\$ 229,9 milhões e aumento de 13,5%. Esses cinco produtos foram responsáveis por mais da metade das exportações baianas (65,2%).

Gráfico 1

Variação do Crescimento do Comércio Exterior – Exportações Bahia/Brasil – Jul. 2021-Jun. 2022



Fonte: Secex/Ministério da Economia.
Elaboração: SEI/Distat/CAC.
Dados coletados em 10/08/2022.

Na comparação com a região Nordeste, a participação das exportações baianas alcançou no primeiro semestre de 2022, 49% das vendas da região. Enquanto nacionalmente, a Bahia respondeu por 4,2% do total das vendas externas do país no período.

As exportações baianas são concentradas em poucos países. Os cinco principais países de destino foram responsáveis por 56% do valor total das exportações no período analisado.

As exportações baianas para China, principal destino dos produtos baianos, subiram 9,8% no semestre, embora o volume embarcado tenha registrado queda de 5,2%, o que pode ser explicado pelos lockdowns no país e pelos impactos nas redes de logística regional e das operações portuárias no mundo com a desarrumação de infraestruturas importantes, restrições comerciais, aumento dos custos de seguros e preços mais altos dos combustíveis em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ainda assim, as vendas totais em valor para a Ásia subiram 21,4% no semestre.

Na mesma base de comparação, as vendas para a União Europeia cresceram 117%, graças ao aumento da demanda e dos preços das commodities, principalmente soja e derivados de petróleo, além de celulose, minérios, café e químicos. Esse aumento também pode estar relacionado à guerra na Ucrânia, principalmente de combustíveis.

As vendas para a América do Norte subiram 29,6%, enquanto para a América do Sul subiram 166,5%, graças ao aumento das vendas de derivados de petróleo, químicos, derivados de cacau e pneumáticos.

IMPORTAÇÕES

Nem a alta explosiva de preços na importação e a alta do dólar, conseguiram frear as importações, que prosseguem em ritmo elevado tendo incremento no semestre de 51,8%.

Nas importações, o índice de preços apresentou elevação de 34,5% no semestre, ante o mesmo período do ano passado, causada pelo acréscimo nos preços de todas as grandes categorias econômicas. O índice de quantum das importações totais apresentou incremento menor de 12,87% no semestre, na comparação com o primeiro semestre do ano passado, em função das quedas observadas nas categorias de bens de capital e de consumo.

Desde o quarto trimestre do ano passado, as compras externas do estado vêm crescendo com maior intensidade, inclusive alcançando em janeiro de 2022 seu recorde histórico (US\$ 1,53 bilhão), e em maio, também deste ano, seu recorde para o mês na série histórica, quando alcançou US\$ 1,25 bilhão com aumento de 182,2% sobre maio de 2021.

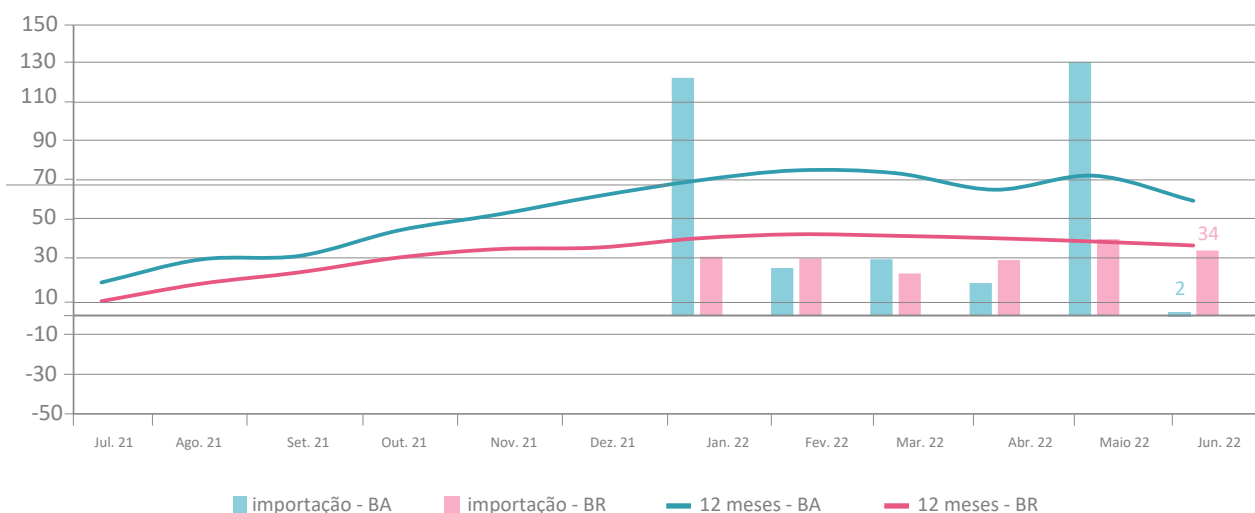
No segundo trimestre, as importações cresceram 40,1% sobre igual período de 2021, enquanto que o volume desembarcado subiu menos: 3,3%, infladas por preços que assim como nas exportações, subiram em média 35,6%, superando inclusive o aumento médio dos preços dos produtos exportados no período que foi 31,4%.

No semestre, assim como no segundo trimestre, o aumento das compras externas está sendo puxado pelos combustíveis com crescimento de 130,8% e 51%, respectivamente. Todas as demais categorias no semestre registraram quedas, principalmente a de bens intermediários que refluíu 37%. Os bens de capital, como os de consumo, tiveram reduções de 11,2% e 17,1% respectivamente.

Gargalos logísticos e de produção que persistem no cenário global, fizeram com que os preços médios em dólar das importações baianas basicamente (combustíveis, fertilizantes, minerais e manufaturados) acelerassem a alta nos últimos meses, inclusive superando os do período pré-pandemia.

Gráfico 2

Varição do Crescimento do Comércio Exterior – Importações Bahia/Brasil – Jul. 2021-Jun. 2022



Fonte: Secex/Ministério da Economia.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Dados coletados em 10/08/2022.

Como dado interessante a ser destacado, no acumulado do semestre, o volume de fertilizantes desembarcados no estado cresceu 44,2%, enquanto que os desembolsos aumentaram 205,4%, reflexo de limitações na oferta, por conta da guerra e do boicote do ocidente às compras da Rússia, um dos principais fornecedores mundiais do setor e que apesar do "boicote" permanece sendo o principal supridor da Bahia com 30,8% de participação e crescimento de 54% em volume no comparativo interanual, afastando os temores iniciais do agronegócio, pelo menos no que diz respeito à oferta no setor.

Com os resultados do semestre, a balança comercial da Bahia terminou superavitária em US\$ 1,012 bilhão. Por outro lado, a corrente de comércio exterior que traduz o dinamismo da economia cresceu 53%, no período.

Tabela 3
Importações baianas por categoria de uso
Jan.-jun. 2021/2022

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %	Part. %
Combustíveis e Lubrificantes	1.975.672	4.559.961	130,81	78,30
Bens Intermediários (BI)	1.480.499	934.226	-36,90	16,04
Bens de Capital (BK)	261.319	232.065	-11,19	3,98
Bens de consumo duráveis	63.134	52.277	-17,20	0,90
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	54.450	45.201	-16,99	0,78
Bens não especificados anteriormente	2	4	125,11	0,00
Total	3.835.075	5.823.733	51,85	100,00

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 08/04/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI.

Obs: importações efetivas, dados preliminares.

FINANÇAS PÚBLICAS

João Gabriel Vieira
joaovieira@sei.ba.gov.br

Poliana Peixinho
poliana@sei.ba.gov.br

Marília Jane Campos
mariliajane@sei.ba.gov.br

O Fundo Monetário Internacional (FMI) no seu boletim fiscal publicado em abril de 2022 destaca que à medida que a incerteza associada à pandemia de covid-19 estava diminuindo, a Rússia invadiu a Ucrânia. A incerteza perdurou, mudando de pandemia para guerra, afetando todos os países, mas de maneiras diferentes. Taxas de inflação acima da meta e surpresas inflacionárias ajudaram a reduzir a relação dívida/Produto Interno Bruto (PIB), mas esse alívio é muitas vezes temporário. Alta incerteza e divergências acentuadas entre os países exigem uma resposta de política fiscal personalizada e ágil, pronta para se ajustar à medida que as perspectivas se tornam mais claras. A política fiscal precisará desviar o foco dos critérios excepcionais relacionadas à pandemia, à medida que os bancos centrais aumentam as taxas de juros para combater a inflação. As economias emergentes e em desenvolvimento que são importadoras líquidas de energia e alimentos serão as mais atingidas pelo aumento dos preços internacionais. Muitos desses países já sofrem com as cicatrizes da pandemia e têm pouco espaço fiscal para enfrentar novas pressões de gastos. O governo deve se concentrar mais nos afetados pela crise e nas áreas prioritárias. Garantir maior resiliência por meio de investimentos em saúde, alimentação e segurança energética de fontes mais limpas tornou-se ainda mais urgente. A cooperação global para alcançar esses objetivos é mais importante agora do que nunca.

No Brasil, com o advento do calendário eleitoral, as prioridades nas políticas públicas acabam ficando em segundo plano. A reforma tributária, por exemplo, começou o ano com otimismo de ser aprovada. A Proposta de Emenda à Constituição (PEC 110/2019), como é chamada, é um pleito do setor produtivo, dos contribuintes, dos entes subnacionais. A reforma da legislação tributária vem sendo debatida no Brasil há pelo menos duas décadas. Além da PEC 110, está em debate no Parlamento a PEC 45/2019, da Câmara. A principal convergência entre as duas propostas é a extinção de diversos tributos que incidem sobre bens e serviços. Eles seriam substituídos por um só imposto sobre valor agregado (IVA). A unificação de impostos tem algumas vantagens: simplicidade na cobrança; diminuição da incidência sobre o consumo; e, uniformidade em todo o país. No que se refere ao desempenho do PIB, a expectativa é que aconteça um crescimento superior a 1,9% (anual), o que sinaliza o esfriamento do processo de retomada da economia. No entanto, os indicadores de inflação continuam elevados, o que

mostra que qualitativamente esse crescimento tem repercussões limitadas. A arrecadação, seguindo o ritmo de crescimento da economia, tem apresentado um bom desempenho neste primeiro semestre, com previsão de superávit primário de 0,88% do PIB.

No estado da Bahia, as repercussões do calendário eleitoral também se fazem sentir. Os números do emprego formal colocam a Bahia como estado líder no acumulado do saldo de empregos formais no Nordeste. Assim, tendo em vista a associação entre a economia e as finanças públicas, foi possível observar que o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) cresceu R\$ 1,03 bilhões no trimestre entre abril e junho de 2022, em relação ao mesmo período de 2021. No que se refere ao desempenho do Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal (FPE), este também foi de alta expressiva, quase R\$ 811 milhões a mais entre o trimestre de abril a junho de 2022, em relação ao mesmo período de 2021. Assim, pode-se atribuir esse aumento a recomposição dos impostos que compõem a base desse fundo, que são o Imposto de Renda e o Imposto sobre Produtos Industrializados. Desse modo, os dois principais itens de receita do estado da Bahia apresentaram sensível melhora neste exercício de 2022.

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Denis Veloso
dveloso@sei.ba.gov.br

Carol Vieira
carolvieira@sei.ba.gov.br

PIB DA BAHIA EXPANDE 4,8% NO 2º TRIMESTRE e ACUMULA ALTA DE 3,9% em 2022

Na comparação sazonal HOUE VARIAÇÃO POSITIVA DE 1,4%

De acordo com os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) – cresceu 4,8% no segundo trimestre de 2022 em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se a série com ajuste sazonal (2º trimestre de 2022 em comparação com o 1º trimestre de 2022), o resultado foi de 1,4%. No primeiro semestre de 2022, a variação em volume teve alta de 3,9%.

Tabela 1
PIB trimestral
Bahia – 2022(1)

Períodos	Taxas (%)
2º tri. 2022/2º tri. 2021	4,8
2º tri. 2022/1º tri. 2022 (sazonal)	1,4
1º sem. 2022 (jan.-jun.)	3,9

Fonte: SEI.
Elaboração: SEI/Distat/Coref.
Nota: (1) dados sujeitos a retificação.

PIB em VALOR CORRENTE

No 2º trimestre de 2022, o PIB baiano totalizou próximo de R\$ 109,2 bilhões, sendo que R\$ 98,3 bilhões são referentes ao Valor Adicionado (VA) e R\$ 10,9 bilhões aos Impostos sobre produtos líquidos de subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a **AGROPECUÁRIA** apresentou Valor Adicionado de R\$ 22,3 bilhões, a **INDÚSTRIA**, R\$ 22,2 bilhões, e os **SERVIÇOS**, aproximadamente R\$ 53,8 bilhões.

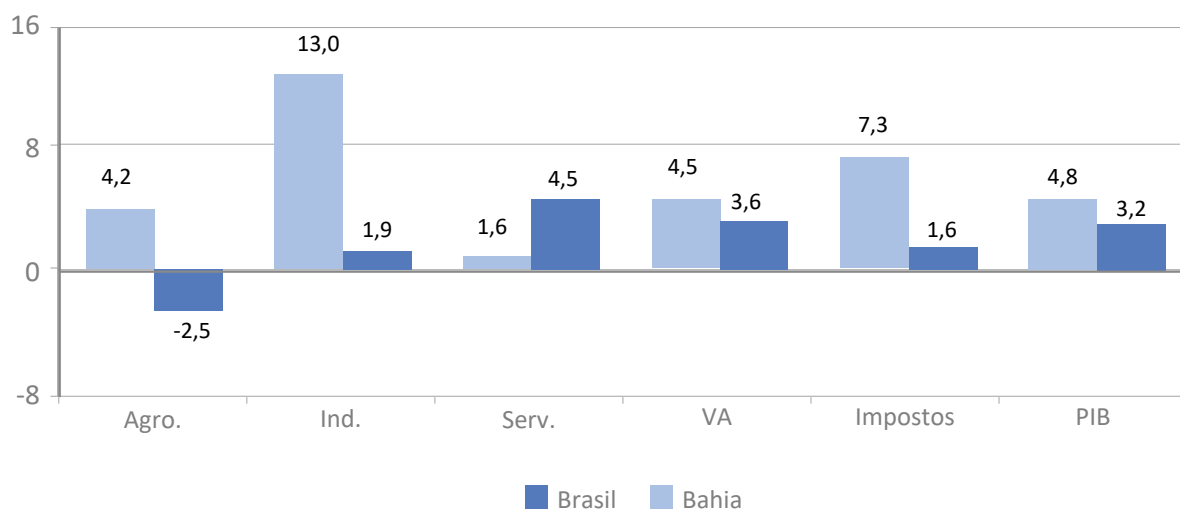
No 1º semestre de 2022, o PIB baiano totalizou R\$ 202,4 sendo que R\$ 179,8 bilhões são referentes ao Valor Adicionado (VA) e R\$ 22,6 bilhões aos Impostos sobre produtos líquidos

de subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a **AGROPECUÁRIA** apresentou Valor Adicionado de R\$ 29,5 bilhões, a **INDÚSTRIA** R\$ 43,2 bilhões e os **SERVIÇOS** R\$ 107,1 bilhões.

2º TRIMESTRE 2022/ 2º TRIMESTRE 2021

Quando comparado ao de igual período do ano anterior, o PIB da Bahia apresentou expansão de 4,8% no segundo trimestre de 2022, conforme dados divulgados pela SEI. O Valor Adicionado apresentou variação positiva de 4,5% e os Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios, alta de 7,3%. O grande destaque na economia baiana foi a alta em volume do setor industrial (+13,0%), seguido pelo setor da agropecuária (+4,2%) e dos Serviços (+1,6%).

Gráfico 1
Variação das atividades do Produto Interno Bruto
Bahia/Brasil – 2º tri. 2022(1)



Fonte: SEI/IBGE (2022).

Elaboração: SEI/IBGE (2022).

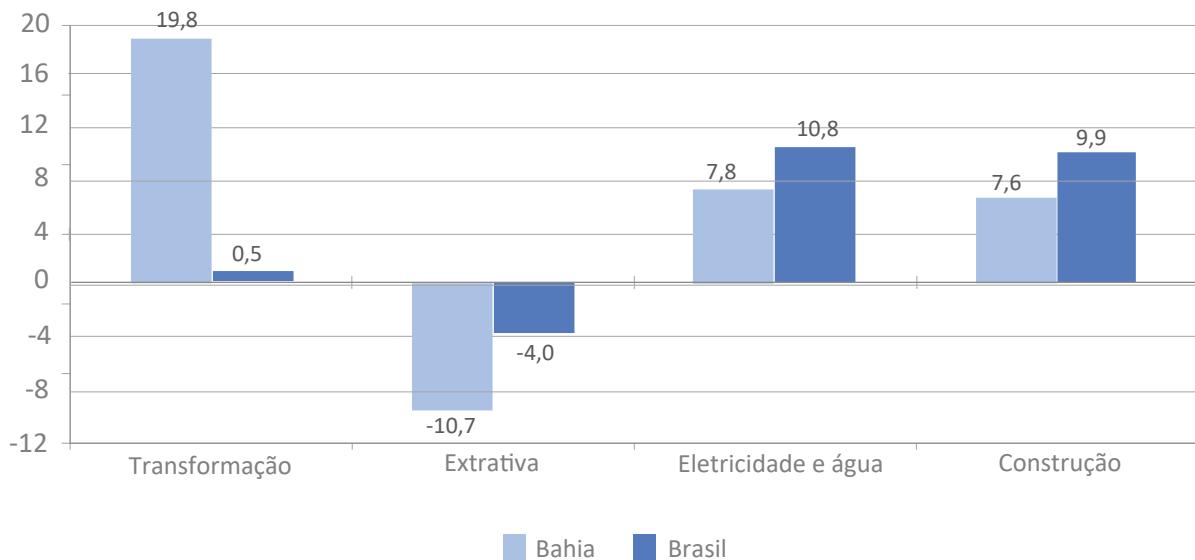
Notas: (1) Variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Segundo os dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI, o VA do setor agropecuário cresceu 4,2% no 2º trimestre de 2022, ante mesmo período do ano anterior. Destaques para as taxas de crescimento do feijão (+28,9%), milho (+13,6%) e café (+12,8%).

A taxa em volume do setor industrial baiano no 2º trimestre do ano foi de 13,0%. Cabe destacar a elevada taxa da Indústria de Transformação (+19,8%) e as altas da Eletricidade e Água (+7,8%) e da Construção (+7,6%). Retração apenas nas Indústrias Extrativas (-10,7%).

Gráfico 2
Varição das atividades da Indústria
Bahia/Brasil – 2º tri. 2022(1)



Fonte: SEI/IBGE (2022).

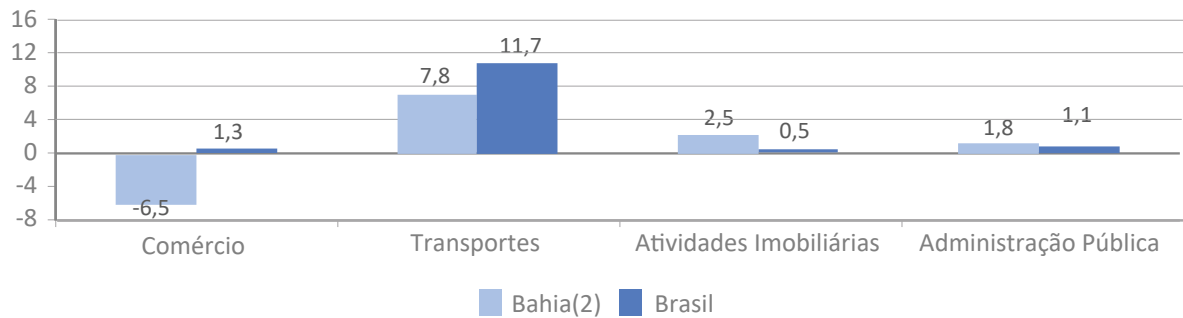
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O setor de serviços do estado expandiu 1,6% no segundo trimestre do ano. Esse crescimento deve-se em parte a liberação parcial do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e a antecipação de pagamento do 13º salário de aposentados e pensionistas. Também contribuíram com o crescimento a alta no volume da atividade de *Transportes* (+7,8%) e as *Atividades Imobiliárias* (+2,5%). A *Administração Pública*, atividade extremamente relevante no estado, obteve crescimento de 1,8% e o *Comércio*, segunda atividade mais importante dentro da economia baiana, caiu 6,5%.

Gráfico 3
Variação das atividades de Serviços
Bahia/Brasil – 2º tri. 2022(1)



Fonte: SEI/IBGE (2022).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

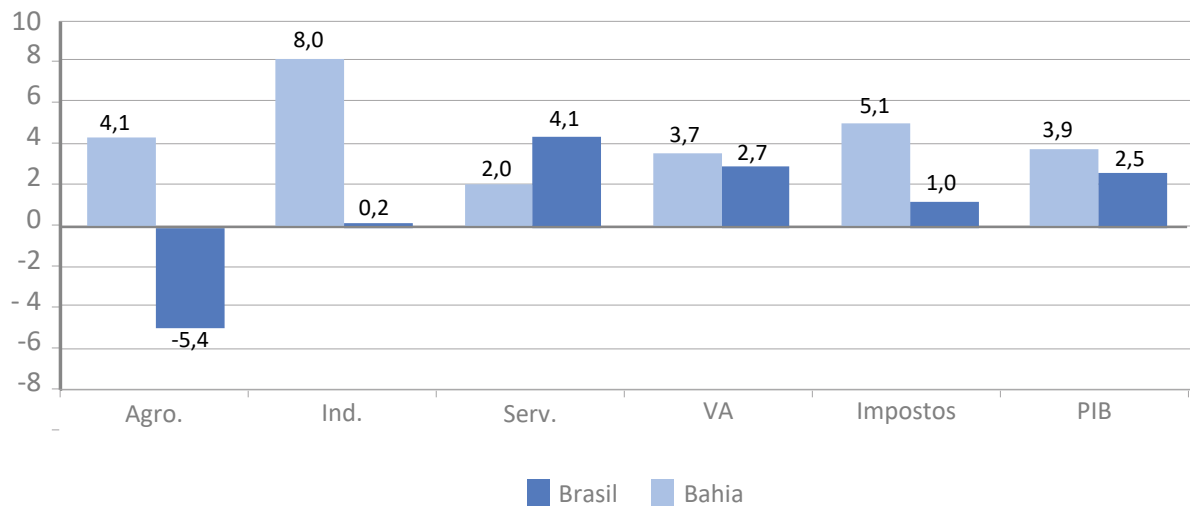
(2) Dados sujeitos a retificação.

1º SEMESTRE 2022/ 1º SEMESTRE 2021

(ACUMULADO DE JANEIRO A JUNHO)

O PIB baiano acumulado de janeiro a junho de 2022 registrou expansão de 3,9% (diante do registrado no primeiro semestre de 2021). O Valor Adicionado expandiu 3,7%, e os Impostos sobre produtos líquidos de subsídios, alta de 5,1%. A Agropecuária variou em 4,1%, a Indústria 8,0% e os Serviços cresceram 2,0%. O destaque positivo no semestre ficou por conta do setor industrial, puxada pela acentuada expansão da indústria de transformação (+9,4%) nos seis primeiros meses do ano.

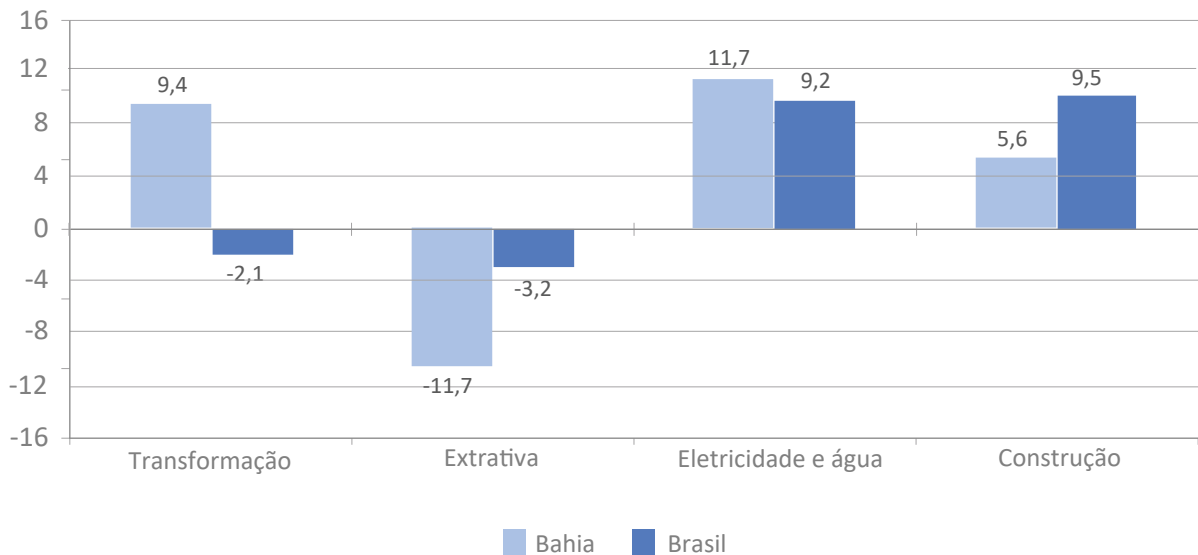
Gráfico 4
Varição dos setores do Produto Interno Bruto
Bahia/Brasil – 1º sem. 2022(1)



Fonte: SEI/IBGE (2022).
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.
 Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.
 (2) Dados sujeitos a retificação.

O crescimento em volume do setor agropecuário baiano no acumulado do ano foi de 4,1%. Destaques para as taxas de crescimento do feijão e do milho. Essas elevadas taxas devem-se à confiança dos produtores associada às condições climáticas favoráveis em todo o estado.

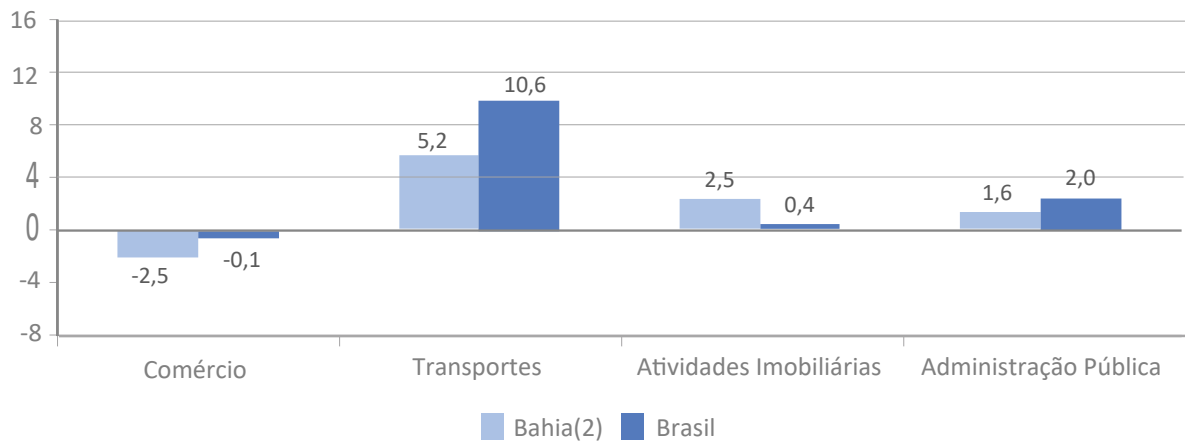
Gráfico 5
Varição das atividades da Indústria
Bahia/Brasil – 1º sem. 2022(1)



Fonte: SEI/IBGE (2022).
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.
 Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.
 (2) Dados sujeitos a retificação.

A taxa do setor industrial da Bahia foi de 8,0%. Três atividades contribuíram positivamente com esse crescimento. A Indústria de transformação fecha o 1º semestre do ano com alta de 9,4%; a Eletricidade e água com 11,7%, seguido pela Construção com taxa em volume de 5,6%. Única retração no setor ficou por conta das Indústrias extrativas (-11,7%).

Gráfico 6
Varição das atividades de Serviços
Bahia/Brasil – 1º sem. 2022(1)



Fonte: SEI/IBGE (2022).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O setor de serviços do estado cresceu 2,0% no primeiro semestre e as taxas de crescimento das atividades de Transportes e atividades imobiliárias merecem destaque, 5,2% e 2,6%, respectivamente. Ainda dentro do setor, observou-se leve incremento na Administração Pública (+1,6%) e recuo no Comércio (-2,5%). O impacto positivo no setor dos serviços (representa quase 69% do PIB do estado) juntamente com o bom desempenho da indústria baiana foi significativo no resultado final do PIB neste 1º semestre de 2022.

MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo
luizlobo@sei.ba.gov.br

O mercado de trabalho baiano continuou em recomposição no segundo trimestre deste ano (sob o ponto de vista de muitas das variáveis, mas não todas). Além do mais, no momento, as expectativas se mostram favoráveis ao prosseguimento dessa recuperação, pelo menos no curto prazo. No entanto, a despeito de melhorias relativas diversas, parte desses indicadores ainda aponta para um cenário complicado em nível e desafiador. A realidade do mercado de trabalho local foi examinada aqui tendo por base os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Previdência, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com os dados do Caged, de abril a junho deste ano, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho no estado continuou se expandindo, incorporando 45.402 novos registros. Assim, ao fim do segundo trimestre de 2022, a Bahia passou a contar com 1.874.177 vínculos celetistas ativos, uma elevação de aproximadamente 4,26% sobre o quantitativo de 1.797.652 do início do ano (estoque de referência) – ou seja, 76.525 novos postos de trabalho nos seis primeiros meses de 2022¹⁰. Dessa forma, atualmente, a Bahia encerra 4,46% e 27,60% do total de empregos com carteira assinada existente no país e na região nordestina, respectivamente.

Com o resultado mais recente, saldo de 45.402 novos postos, a Bahia completou oito trimestres seguidos com expansão do nível de emprego formal, além de evidenciar a segunda variação positiva em um segundo trimestre desde a perda ocorrida no mesmo intervalo de 2020 por conta dos desdobramentos da pandemia de covid-19 em território brasileiro. Em relação aos trimestres de referência, o saldo atual se revelou maior, já que a ocupação com carteira assinada havia incorporado 31.123 e 28.948 novos vínculos no trimestre imediatamente antecedente e no de um ano antes, respectivamente. Além do mais, não se pode deixar de pontuar, o segundo trimestre deste ano registrou o maior saldo dos últimos 16 anos pelo menos¹¹.

¹⁰ Desde o início de 2020, o Caged vem sendo substituído pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial) como meio para a prestação de informações por parte do empregador. A fim de assegurar a qualidade e a integridade das estatísticas do emprego formal e evitar lacunas decorrentes de falta de prestação da informação ou de inconsistências causadas por migrações de sistemas, vem-se utilizando do método de imputação e compatibilização de dados de outras fontes. Em breve, no entanto, o eSocial será a única fonte de dados a alimentar o sistema Caged.

¹¹ Dada a natureza distinta de captação das informações decorrente da implantação do eSocial e a maior cobertura (com a incorporação de outros tipos de vínculos não declarados ao Caged), as comparações com dados de anos anteriores ao de 2020 devem ser realizadas com cautela (ou seja, compreendendo-se que a comparabilidade não se mostra ideal). Informações adicionais em <http://pdet.mte.gov.br/o-que-e-novo-caged>

A dinâmica com mais admissões do que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do segundo trimestre de 2022 na Bahia. O mês de maio foi o de maior geração líquida de postos, com 16.294 novas vagas – aliás, melhor resultado mensal do ano até agora e maior saldo desde agosto de 2021. Os meses de abril e junho testemunharam excedentes um pouco menos destacados, com surgimento de 16.029 e 13.079 novos postos, respectivamente – no entanto, ainda o segundo e o terceiro maiores saldos do ano, reforçando uma geração considerável ao longo do trimestre. Além do mais, vale destacar, cada um dos meses do referido intervalo evidenciou desempenho superior ao do mês correspondente de um ano atrás.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no agregado dos meses de abril a junho deste ano, com 751.519 postos a mais. Ademais, todas as regiões geraram postos de trabalho no referido período. Em termos absolutos, o Sudeste (+386.428 postos) evidenciou a melhor situação e o Norte (+50.121 postos) exibiu a cena menos favorável. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido em todas no trimestre. No ranking nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 45.402 oportunidades ocupacionais, ficou na quarta posição, quatro colocações acima da verificada no intervalo anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia mostrou o melhor desempenho absoluto, enquanto Ceará (+21.535 vagas) e Sergipe (+3.391 postos) exibiram o segundo maior e o menor saldo regional no período, respectivamente.

A dilatação no mercado de trabalho formal baiano no segundo trimestre deste ano alcançou todos os cinco grandes estratos setoriais, já que houve geração líquida de postos em cada um deles. A atividade de *Serviços* se destacou com o desempenho mais proeminente entre as cinco categorias, com a contratação líquida de 18.388 trabalhadores no período. A *Indústria geral*, com 9.947 novos vínculos, também indicou um saldo relativamente estendido, assumindo o segundo melhor resultado entre as atividades. Em seguida, com saldos positivos menos protuberantes, vieram o setor da *Construção* (+7.887 postos), do *Comércio* (+5.646 postos) e da *Agropecuária* (+3.534 vagas)¹². Por fim, importante frisar, segundo os dados do Caged, o estoque de vínculos celetistas atual já se encontra em patamar superior ao do período pré-pandemia para cada um desses grupamentos.

Com base no levantamento mais recente da PNADC, observa-se que o mercado de trabalho baiano também experimentou avanços no segundo trimestre deste ano (principalmente, nas comparações interanuais). Os progressos, entretanto, não se deram de forma irrestrita, visto que nem todos os indicadores progrediram segundo essa fonte de dados, além do que muitos deles ainda se encontram em níveis considerados adversos ou desfavoráveis, como,

¹² Por praticidade, houve simplificação de algumas categorizações. Os grupamentos Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura e Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas foram denominados simplesmente como Agropecuária e Comércio, nessa ordem

por exemplo, o rendimento médio real mensal e a massa de rendimento real, cujos valores ainda se encontram muito abaixo do que já foram um dia.

A taxa trimestral de desocupação, costumeiramente indicador de maior repercussão, recuou na margem (e de forma significativa), passando de 17,6% para 15,5% da população na força de trabalho baiana – suplantando em muito o aumento ocorrido no trimestre antecedente. A dinâmica de queda observada agora, no entanto, não chega a ser surpresa, já que reflete um comportamento próprio do mercado de trabalho baiano nessa época (em parte, associado a fatores sazonais), tendo sido visto em quase todos os anos da série, exceto em 2015 e 2020 (não coincidentemente anos de crise) – mas, agora, evidenciando a maior oscilação da série na passagem de um primeiro para um segundo trimestre (contração de 2,1 pontos percentuais). Em um ano, também houve recuo, já que estava em 20,2% no mesmo trimestre de 2021 – aliás, o maior encolhimento interanual da história (queda de 4,7 pontos percentuais).

A estimativa mais recente do desemprego na Bahia (15,5%), dessa maneira, assumiu o menor valor desde o quarto trimestre de 2017 (15,1%) e o mais baixo patamar para um segundo trimestre desde o ano de 2015 (12,8%). No entanto, importante mencionar, a taxa ainda se mostrou bem acima do seu menor valor histórico, ocorrido no quarto trimestre de 2013, quando atingiu 9,1% da força de trabalho local. Ou seja, apesar da melhora, é preciso ter em mente que a referida taxa ainda se encontra em patamar elevado, visto já ter sido inferior a dois dígitos ao longo da pesquisa – aguardando, na verdade, maior dinamismo da economia para voltar a um patamar mais tolerável.

Além da Bahia, todas as outras unidades da Federação apresentaram contração na margem da taxa trimestral de desocupação (independentemente da significância estatística da oscilação). Do mais, pelo segundo intervalo consecutivo, a maior estimativa continuou sendo a da Bahia – fato que não ocorreu por três oportunidades em sequência antes disso, já que do segundo ao quarto trimestre de 2021, o indicador no estado havia sido o segundo maior do país. Na outra ponta, Santa Catarina (3,9%) apresentou a menor taxa entre as unidades federativas. Em terras baianas, portanto, a situação se traduz em um percentual praticamente quatro vezes maior do que o observado em território catarinense. No Brasil e no Nordeste, as estimativas ficaram em 9,3% e 12,7%, respectivamente.

No intervalo em análise, relativamente ao trimestre adjacente anterior, diferentemente do ocorrido do quarto trimestre do ano passado para o primeiro deste ano, o mercado de trabalho baiano experimentou uma alta na ocupação e uma queda na desocupação, cursos que convergiram para o encolhimento recente da taxa de desocupação – o impacto relativo, destaque-se, adveio mais do segundo (-11,7% ou menos 146 mil desocupados) do que do

primeiro movimento (+3,0% ou mais 173 mil ocupados). De forma geral, entre trimestres consecutivos, a ocupação voltou a aumentar após ter recuado, enquanto a desocupação voltou a diminuir depois de ter se expandido. Além do mais, no comparativo interanual, também houve aumento de pessoas trabalhando (+10,9%) e redução de pessoas procurando por trabalho (-19,6%).

O contingente de ocupados no conjunto dos meses de abril a junho de 2022 na Bahia, com 6,037 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, reforçado pela expansão na margem, revelou-se o maior desde o registrado no último trimestre de 2015 (6,282 milhões) – superando em muito o menor valor da série, de 4,869 milhões de indivíduos no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da crise da pandemia de covid-19). Esse montante, porém, já foi de 6,451 milhões quando em seu auge, no último trimestre de 2014. A população desocupada, por sua vez, ficou em 1,104 milhão de indivíduos, menor volume de baianos desocupados em quatro anos e meio e o menor quantitativo em um segundo trimestre desde o visto em 2015 (927 mil) – já tendo sido de 691 mil indivíduos no terceiro trimestre de 2014. Por fim, após ter aumentado, o número de pessoas fora da força de trabalho voltou a cair, chegando a 4,884 milhões – apesar de positivo, sem dúvida, quantitativo que ainda tem um peso, já que se mantém num patamar maior do que qualquer outro de antes da pandemia, podendo assim repercutir negativamente na desocupação caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que porventura voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação.

Na Bahia, no trimestre mais recente comparativamente ao imediatamente anterior, o número de informais aumentou após ter encolhido. O quantitativo de formais também se expandiu, emendando a quinta alta seguida. O aumento do montante de formais (+171 mil pessoas), entretanto, foi muito maior do que a alta da ocupação na informalidade (+1 mil pessoas). Ou seja, a expansão atual da ocupação no estado se deu massivamente pelo canal da formalidade – o que acarretou uma retração do grau de informalidade na margem. Assim, ao incorporar mais trabalhadores ao polo protetivo, tal movimento, embora ainda não consolidado como tendência, tende a fortalecer uma via de recuperação mais qualificada do mercado de trabalho. Por fim, o período de abril a junho de 2022 contabilizou 3,208 milhões de ocupados na informalidade e 2,828 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 53,1%, o quinto maior do país. No Brasil como um todo, 40,0% dos trabalhadores se encontravam na informalidade nesse mesmo período.

O rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no segundo trimestre de 2022, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.711 – simplesmente, o segundo menor da história para o estado e o segundo mais baixo entre

as unidades federativas (maior apenas do que o do Maranhão, estimado em R\$ 1.654). Em relação ao mesmo intervalo de 2021, quando estava em R\$ 1.855, houve queda de 7,8% (ou seja, menos R\$ 144) – a sétima retração seguida nessa base de comparação. Num comparativo com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 1.734, ocorreu uma variação negativa de 1,3% (menos R\$ 23), indicando queda após ter aumentado.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 10,011 bilhões, o oitavo menor montante já contabilizado, mas pelo menos o maior desde o segundo trimestre de 2020 – significando uma elevação de 2,8% frente ao do primeiro trimestre deste ano (de R\$ 9,734 bilhões) e de 3,4% no comparativo com o total do mesmo período do ano antecedente (cujo valor havia sido de R\$ 9,678 bilhões). Assim, após ter recuado, a massa de rendimento real aumentou pela segunda vez seguida na margem. No comparativo interanual, por sua vez, a alta recente também significou a segunda expansão consecutiva depois de um período com sete quedas em sequência. Por fim, importante destacar, a elevação recente (nas duas bases de comparação) se deu exclusivamente por conta do aumento do número de pessoas trabalhando, já que o rendimento médio dos trabalhadores decresceu.